



PARQUE MATIZ DE GOIÁS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS – REGIONAL GOIÁS

THAIS GOMES RIBEIRO DA SILVA

PARQUE MATIZ DE GOIÁS

CIDADE DE GOIÁS

2019

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE
GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC nº 1204/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG):

Nome completo do autor: Thais Gomes Ribeiro da Silva

Título do trabalho: Parque Matiz de Goiás

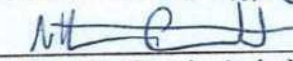
2. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento ☒ SIM ☐ NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF do TCCG.


(Nome completo do autor)²

Ciente e de acordo: Arthur Simões Caetano Góes


(Nome completo do orientador)²

Data: 02 / 01 / 2019

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² As assinaturas devem ser originais sendo assinadas no próprio documento, imagens coladas não serão aceitas.

Thais Gomes Ribeiro da Silva

PARQUE MATIZ DE GOIÁS

Trabalho de Conclusão de Curso II
apresentado ao curso de Arquitetura e
Urbanismo, apresentado a Universidade
Federal de Goiás – Regional Goiás, como
parte das exigências para a obtenção do
título de Bacharel.

Orientador: Prof. Ms.: Arthur Simões
Caetano Cabral

GOIÁS

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Gomes Ribeiro da Silva , Thais
Parque Matiz de Goiás [manuscrito] / Thais Gomes Ribeiro da
Silva . - 2019.
LIX, 59 f.: il.

Orientador: Profa. Arthur Simões Caetano Cabral .
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de Ciências
Sociais Aplicadas, Arquitetura e Urbanismo, Cidade de Goiás, 2019.
Bibliografia. Anexos.
Inclui mapas, fotografias.

1. Parque Urbano. 2. Readequação . 3. Periferia . I. Simões Caetano
Cabral , Arthur , orient. II. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
UNIDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - REGIONAL GOIÁS
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

ANEXO VI
ATA DE AVALIAÇÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II
TRABALHO PROPOSITIVO

Nome do Aluno: Thais Gomes Ribeiro da Silva
Título do Trabalho: Parque Matiz de Goiás
Data: 16/12/19 Início: 14h15 Término: 16h00 NOTA FINAL: 8,5

Critérios de Avaliação – caráter teórico-analítico (Regulamento TCC Arquitetura e Urbanismo CAU-RG):

Conceituação Teórica e Partido: Referências projetuais, fundamentação teórica e técnico-construtiva e relações com o lugar e o entorno.

Relação entre a produção teórica e a prática: vista a partir da coerência entre tema, conceito e projeto (demonstrada pelo embasamento do partido adotado e da concepção formal com a interpretação do tema, a proposta teórico-conceitual, as implicações socioeconômicas e culturais, o contexto histórico e os antecedentes arquitetônicos e urbanísticos).

Desenvolvimento do Projeto: Metodologia e/ou processo de desenvolvimento do projeto, processo de concepção e trajetória (estudos preliminares, partido, anteprojeto, projeto arquitetônico final e detalhamento). Atendimento à funcionalidade, dimensionamento adequado, nível de detalhamento compatível com complexidade do programa de necessidades; acessibilidade; adequação a orientação solar, topografia e pré-existências; construtibilidade, concepção estrutural e viabilidade; coerência, inovação e contribuição para o campo de conhecimento; inovação técnica e tecnológica.

Apresentação e representação técnica do projeto: O formato de apresentação fica a critério do aluno, desde que com a anuência do orientador. Deve prezar pela qualidade gráfica do projeto, precisão técnica da representação, organização, coerência entre projeto e linguagem gráfica, qualidade da redação, formatação, diagramação e acabamento. Objetividade, clareza, capacidade de síntese e argumentação, domínio do assunto, coerência entre a apresentação oral, a pesquisa e o projeto. Uso adequado de referências imagéticas e iconográficas, de elementos de processo, de material audiovisual e do tempo disponível para defesa do projeto. O aluno terá o período máximo de 20 minutos para exposição do trabalho.

CONSIDERAÇÕES DA BANCA:

A banca reconhece a complexidade e a pertinência do tema, bem como o envolvimento do discente e a competência com que se apresenta. Como contribuições, a banca ressalta a importância de se tematizar e avaliar a topografia no projeto e sinaliza a necessidade de precisão na representação. Se se aplica isso, a apresentação da área de intervenção ao leitor deve também ressaltar as intervenções projetuais.

A banca parabeniza o discente, em especial, pela desenvoltura com que transita por diferentes escalas, investiga diferentes modos de expressão e demonstra-se com grande sensibilidade diante de questões tão signifi-

ativas quanto desafiadoras.

Por fim, insatisfeito-se a continuidade do trabalho e sua veiculação para além dos limites da Universidade.

Embora se apenas, considera-se a aluna apta ao exercício da profissão de arquiteta e urbanista.

CONSIDERAÇÕES DO ORIENTADOR (assiduidade nas orientações, empenho, iniciativa, responsabilidade e organização):

Nome: Arthur Simões Costano Cabral Ass.: [Assinatura]
professor orientador

AVALIADORES:

Nome: Carina Foleira Ass.: [Assinatura] Nota: 8,5
Membro Interno

Nome: Vladimir Bortolini Ass.: [Assinatura] Nota: 8,5
Membro Externo

RESUMO

Este documento consiste em demonstrar as condicionantes físicas e sociais que envolvem o conjunto de chácaras residuais localizadas na região Oeste do Estado de Goiás. E, a partir dos resultados obtidos, gerar um plano de massas que norteará o futuro projeto para a chacara do Bairro Goiá.

As análises consistem em estudos do entorno e dos objetos em observação, e, se fomentam em dois produtos gerados, o Macrozoneamento geral para a região, e o plano de massas para a chacara do Bairro Goiá.

PALAVRAS CHAVES

Parque Urbano – Readequação - Periferia

ABSTRACT

This document is to demonstrate the physical and social conditions that surround the set of waste farms located in the western region of the state of Goiás. And, from the results obtained, generate a mass plan that will guide the future project for the Goia neighborhood farm. The analyzes consist of studies of the surroundings and the objects under observation, and are fomented in two generated products, the general Macrozonamento for the region, and the masterplan for the Goiá neighborhood.

KEY WORDS

Urban Park – Reajustment - Periphery

SUMÁRIO.....

PARTE I – Imersão no território

INTRODUÇÃO: Considerações gerais sobre o histórico da área.....06

Caracterização da Região.....07

Fragilidades e Potencialidades.....17

Estudos projetuais sobre o conjunto de chácaras.....19

Macrozoneamento.....23

PARTE II – Resultado da imersão no território.....

Potencialidades e Fragilidades.....29

Inserção no Urbana.....32

Estudos do terreno.....33

Plano de Massas.....38

Descrição das ambiências do parque.....40

Considerações Finais.....57

Referências Bibliográficas.....59



INTRODUÇÃO

Considerações gerais sobre o histórico da área:

A parcela em análise da cidade que caracteriza-se como periférica, está localizada na região oeste da capital do Estado, Goiânia. A região como um todo se constituiu a partir da expansão a princípio instigada pelo plano piloto alinhado com o Plano de Desenvolvimento integrado, em relação a esta região da capital.

O Bairro Goiá, assim como os outros setores adjacentes, estabeleceram-se a partir da década de 50, enquanto loteamentos, mas passaram a ser consideravelmente adensados apenas após o ano de 1980.

Como resultado de um desenvolvimento tardio em relação às outras regiões da cidade, esta parcela, desde o suas origens, apresenta problemas de estruturação urbana básica (Figura 01), ocupação desordenada e carência de áreas verdes voltadas ao lazer.

Problemas esses que podem ser entendidos em uma linha cronológica do desenvolvimento urbano da região. Quanto mais a Oeste e mais afastado do centro for o local, mais complicações com as funcionalidades urbanas esta região terá. Dentro disso, é possível notar que o Bairro Goiá é um dos setores mais consolidados e com mais recursos urbanos ao alcance dos moradores, quando se trata da região como um todo, se tornando uma centralidade local.

A área a ser destacada neste trabalho é um conjunto de chácaras existente na localidade já citada (Figura 02). Remanescentes de um parcelamento incentivado pelo poder público onde, os antigos fazendeiros, aproveitando o incentivo econômico por parte da prefeitura para expansão e desenvolvimento da Regi Oeste, passaram a lotear parte de suas próprias terras. Muitos loteamentos foram aprovados, parcelamentos executados, inclusive próximo à áreas de preservação ambiental.

FIGURA 01; Zona periférica – Bairro Goiá



Fonte: Google Earth – editado pela autora

FIGURA 02; Conjunto de Chácaras



Fonte: Google Earth – editado pela autora

CARACTERIZAÇÃO DA REGIÃO

No que diz respeito à abordagem da região em que se insere o Bairro Goiá proposta neste trabalho, considera-se dois enfoques distintos e intercambiantes: o conjunto de chácaras remanescentes, propriamente, para o qual são propostas intervenções projetuais com vistas à implantação de um parque urbano; e a caracterização de seu entorno, com especial atenção às condições urbanas das áreas envoltórias.

A circunvizinhança das chácaras remanescentes é composta pelo Residencial Eldorado (Condomínio Grandville) (Figura 03), Solange Park I (Figura 04), Tropical Verde (Figura 05), Bairro Goiá (Figura 06), Residencial Vereda dos Buritis (Figura 07), Residencial Goiânia viva (Figura 08), entre outros. O que esses setores têm em comum é o fato de que parte da malha urbana tem contato direto com o conjunto de chácaras mostrado, inclusive contando que uma parcela de seus loteamentos adentram no perímetro das chácaras.

Há uma diversidade visual na espacialidade deste entorno, que varia desde bairros em processo verticalização até setores ainda em processo de estruturação, como implantação de asfalto e saneamento básico.

A organização espacial destes caracteriza exatamente a diversidade social de quem reside nestas localidades. Os setores mais afastados contam com moradores que não possuem acesso a equipamentos básicos do poder público. E o contraste é perceptível quando essa situação é comparada à realidade dos bairros em processo de verticalização.

Já o conjunto de chácaras é anterior a toda urbanização que o envolve, como já colocado anteriormente. O perímetro rural tinha dimensões maiores, e, o que é apresentado neste trabalho é a parcela remanescente de propriedades rurais que um dia existiu na região.

Por estar inserida às bordas da urbanização, estabelecendo contato direto com ela, todo limite do conjunto faz divisa direta com os bairros envoltórios.

FIGURA 03; Residencial Eldorado



Fonte: Google Earth – editado pela autora

FIGURA 04: Solange Park I



Fonte: Google Earth – editado pela autora

FIGURA 05: Tropical Verde



Fonte: Google Earth – editado pela autora

A situação de proximidade entre a malha urbana e as chácaras remanescentes, em que pese sua condição atual de sub-utilização, potencializa o interesse pela conversão das antigas chácaras em áreas verdes públicas voltadas ao lazer da população do entorno - notadamente um parque urbano - cujo partido projetual, como será apresentado a seguir, considere as expressões da natureza que se apresenta nas áreas abandonadas. Que é exatamente o que acontece com o conjunto na região Oeste.

FIGURA 06: Bairro Goiá



Fonte: Google Earth – editado pela autora

FIGURA 07; Residencial Vereda Dos Buritis



Fonte: Google Earth – editado pela autora

FIGURA 08; Residencial Goiânia Viva



Fonte: Google Earth – editado pela autora

CARACTERIZAÇÃO DA REGIÃO

O Bairro Goiá é um bairro periférico localizado na região oeste da capital do Estado, Goiânia. Goiá está entranhado no meio de pequenos bairros em desenvolvimento. O bairro se constituiu a partir da expansão a princípio instigada pelo plano piloto alinhado com o Plano de Desenvolvimento integrado, em relação a esta região da capital. Atualmente, passa por alguns problemas com infraestrutura básica e segurança pública e é limítrofe com alguns bairros que também possuem essas problemáticas.

Essas duas questões juntas (segurança e infraestrutura) moldaram grande parte da fama do bairro, adjetivando o mesmo como inseguro, problemático, etc. Fama essa que o bairro possui até hoje, dentro da cidade¹¹. Durante o seu desenvolvimento, a carência de serviços básicos era a principal dificuldade pra quem estava disposto a residir nesta parcela da cidade¹.

Os dois últimos censos que constam nos relatórios da Prefeitura de Goiânia são relativos aos anos de 2000 e 2010, em ambos, o número populacional do bairro não chega a 3.500 pessoas, mas o curioso é que na ordem em que os dados são apresentados, há um decréscimo na população residente. A diminuição populacional é pequena, e indica que ao longo do período de dez anos, o bairro não teve alteração alguma, salientando o fato de não ter havido nenhum desenvolvimento urbanístico ou alteração da paisagem urbana aparente.

Já os bairros que são limítrofes deste território cresceram bastante em termos populacionais. Exemplo desse fato é o Jardim Mirabel (Figura 09), que no mesmo período, cresceu o equivalente a dois terços da população contabilizada no senso anterior² (Figura 10).

Não há informações de um senso feito após o ano de 2010, o que demanda uma análise mais específica sobre os dados populacionais do bairro atualmente. As imagens aéreas obtidas não permitem a identificação de crescimentos significativos na ocupação do bairro, e não há um levantamento sobre o quantitativo de casas construídas, ou se houve alguma alteração. Isso condiciona os resultados apenas a análise visual feita através da imagem de satélite.

FIGURA 09: Jardim Mirabel em 2002



Fonte: Google Earth – editado pela autora

FIGURA 10: Jardim Mirabel em 2019



Fonte: Google Earth – editado pela autora

¹ 1 - Resumo postado em http://goiasdenorteadul.com.br/programa_goiania--bairro-goia_178. Site acessado no dia 31/05/2019 às 17:21.

2 - Senso no Site da Prefeitura de Goiânia: <https://www.goiania.go.gov.br/shtml/seplam>. Acessado em 31/05/2019 às 18:38.

1.1 Histórico de ocupação do bairro

O Bairro Goiá, onde reside o objeto deste trabalho, se insere no vetor oeste de expansão. De acordo com o decreto de aprovação do loteamento fornecido pela Prefeitura de Goiânia, o bairro foi fundado em 1954 (Figura 11), em um decreto assinado no final do mandato do prefeito em exercício na época, o senhor Venerando de Freitas Borges (1907 – 1994). Nos documentos apresentados, a prefeitura se refere ao bairro como parcela que compõe a região noroeste da cidade, no entanto, em outros mapas oficiais, o bairro é apresentado como área pertencente à região oeste. Em que pesem as imprecisões na inserção do bairro nas setorizações oficiais, a compreensão do bairro no vetor de expansão a oeste anteriormente mencionado favorece a definição de seu histórico de ocupação e adensamento, considerando as projeções para a expansão da cidade.

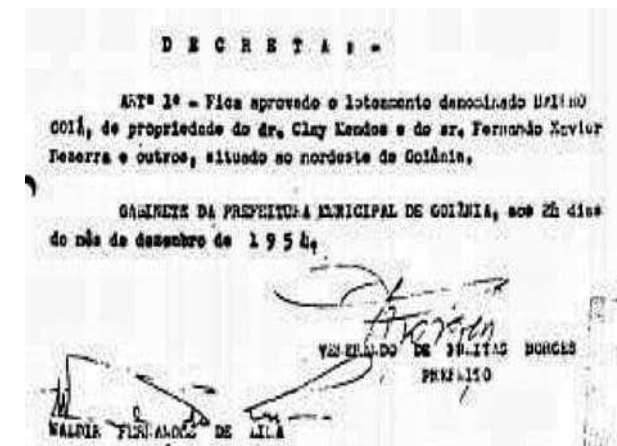
Com base nas informações levantadas e reunidas até o presente momento, o Bairro Goiá, cuja aprovação ocorreu na data de 1954, permaneceu praticamente desocupado até meados dos anos 1970, quando, paulatinamente, teve início sua ocupação e, mais tarde, o processo de adensamento. Tais processos de ocupação e adensamento, embora razoavelmente espontâneos ou orgânicos, condizem com o que foi historicamente proposto pelo plano de desenvolvimento inicial da cidade.

Até meados de 2002 é possível observar como as dependências do Goiá especificamente, eram bem adensadas (Figura 12), no entanto os bairros que estão em constante diálogo com o mesmo sequer possuíam asfalto.

A imagem de satélite mostra com precisão a informação previamente colocada. As vias que saem do Bairro Goiá em direção a outras regiões ainda contavam com infraestrutura precária, existindo apenas a demarcação e um monte de terra para quem precisava passar de automóvel pelo local.

As parcelas destacadas na imagem são as que mais chamam a atenção quando comparadas com a vista superior feita no ano de 2019 (Figura 13). O que se sugere que houve um “boom” de ocupação, principalmente para o entorno, a partir dos anos 2000. Outro ponto que chama a atenção é a qualidade das áreas

FIGURA 11: Documento de criação do B. Goiá



Fonte: Prefeitura de Goiânia – editado pela autora

FIGURA 12: Bairro Goiá em 2002.



Fonte: Prefeitura de Goiânia – editado pela

FIGURA 13: Bairro Goiá em 2019



Fonte: Google Earth – editado pela autora

verdes não-ocupadas. Há sim maciços arbóreos expressivos, no entanto, a coloração dos pastos não expressa a sensação de área verde aproveitável, que a imagem do ano atual demonstra. Pode ser a qualidade da foto disponibilizada, mas há alguns fatores que podem ajudar a descrever essa questão.

Dentro das áreas livres há demarcações suaves de caminhos (Figura 14), alguns sinuosos, alguns mais retos, o que leva a pensar que as pessoas utilizavam esses espaços como atalhos, maneira mais rápida para chegar a determinados locais na região, e de fato, não dá pra afirmar que eram somente pedestres, já que o entorno todo era composto por estradas de terra, que inclusive algumas ainda existem (Figura 15) pode-se supor que automóveis também passavam por esses atalhos.

Uma informação que contribui para a análise é trazer para esse contexto algumas leis ambientais que podem ter influenciado diretamente na maneira de ocupação do bairro. Na imagem de 2002, nota-se um pequeno e tímido cuidado com as margens de córregos e nascentes presentes. Em 1979, houve a implementação da lei Lei 6.766, que corresponde à Lei Nacional de Parcelamento Urbano, que estabelece as regras para a implementação de novos loteamentos, e deixa explicitamente proibido que esses conjuntos invadam às áreas com elementos ambientais cuja a aproximação urbana conjuga risco a saúde dos mesmos.

Outro ponto interessante em relação a legislação urbanística, é que a maioria de normas de cunho ambiental foi estabelecida após a década de 90. Salvaguardando o Código Florestal Brasileiro (Lei Federal no. 4.771/1965) que é dos anos 1960 e institui as áreas de preservação permanente (APP) nas margens de corpos d'água. Um exemplo das normas que vieram posteriormente é a Lei 9.605/1998, uma medida punitiva que prioriza as infrações em áreas de proteção ambiental; vale acrescentar ainda que existe uma lei que assume a proteção de cursos hídricos, outra prevê a conservação de espécies biológicas, etc. Ambas as leis tem aprovação após o ano de 1990, o que leva a concluir que antes desse período, áreas com recursos naturais não eram, tanto em âmbito nacional quanto em âmbito local, vistos como atributos espaciais a serem protegidos e conservados.

FIGURA 14: Trieiros – Demarcação espontânea



Fonte: Fotografia tirada pela autora

FIGURA 15: Estradas de Terra



Fonte: Fotografia tirada pela autora

FIGURA 16: Clube Bradesco



Fonte: Google Earth – editado pela autora

Assumindo que o clube (Figura 16) estava inserido no contexto que considera a norma criada em 1965, o clube já está em situação irregular desde então. Mas, como não há informações concretas sobre a data da implementação do mesmo, não é possível apontar quais Leis foram de fato desrespeitadas e quais não foram. Contudo, diante dos objetos investigados, é possível afirmar que essas leis foram, ainda que timidamente, respeitadas pelos limites de ocupação imposto pelas demarcações, ao longo do tempo.

Sendo assim é conclusivo quais eram os termos condicionantes no tempo de implementação do Bairro Goiás, e que tem influência direta até hoje. Se trata de um bairro com certo afastamento de outros bairros e que tivesse um traçado que não agride as parcelas ambientais existentes na região. A princípio, o bairro não tem vias de acesso estruturadas que levassem à outros bairros, isso fez com que o mesmo criasse uma dinâmica própria de comércio (Figura 17). Essa característica não mudou muito com os anos, na verdade a impressão é a de que se fortaleceu.

A mudança evidente está concentrada nas áreas destacadas na foto de 2002 (Vide Figura 12), que mostra a demarcação dos lotes nas quadras mas mostra também a não ocupação completa deles, mostrando que o ano em que a imagem foi capturada, a ocupação era bastante tímida e a densidade baixa. As vias também só estavam demarcadas até esse período, o que já entra em completo contraste quando colocado em comparação com a imagem atual. Aos maciços arbóreos (Figura 18) também representam um contraste nessa região, principalmente nas imediações das nascentes, que fica entre os dois cursos de água que se encontram nesse local (Figura 19).

Antigamente, as moradoras do bairro costumavam ir à beira dos córregos para lavar roupas em suas águas. Era comum ver crianças tomando banho lá também, porém agora, em função da degradação, não há mais essa proximidade entre o terreno e os moradores, ainda que a região tenha sido significativamente adensada a partir desse período. O crescimento na ocupação e no adensamento é completamente inverso à quantidade de pessoas que frequentam essa área verde.

FIGURA 17: Eixo comercial.



Fonte: Google Earth – editado pela autora

FIGURA 18: Maciços arbóreos em 2002.



Fonte: Google Earth – editado pela autora

FIGURA 19: Maciços arbóreos atualmente.



Fonte: Google Earth – editado pela autora

1.2 Aspectos físico-territoriais

O bairro, por ser massivamente residencial, tem um número considerável de vias com pouco fluxo automobilístico, ou vias locais, se colocadas nesse contexto. Isso se dá exatamente pela falta de planejamento na dinâmica urbana ao qual esse projeto de parcelamento regional foi implementado.

Há vias que têm dimensões específicas para acomodarem grande fluxo, no entanto, quando foram implementadas não obtiveram a demanda mínima a qual suportariam e hoje tem função quase que local, dentro da dinâmica do bairro.

Ruas grandes, largas e vazias (Figura 20) que cortam o bairro quase todo, enquanto que, a via principal (Figura 21) da região não possui a dimensão necessária para a demanda de carros que ela atende. Se trata de uma via que permite entrar e sair do bairro e faz ligação direta com os outros dois bairros vizinhos.

As avenidas que permitem esse fluxo intenso são as avenidas Padre Monte, que é também o eixo que guia o comércio no bairro; a avenida Felipe Camarão, que é talvez a avenida com maior dimensão do mesmo, no entanto ela é interrompida por uma quadra sem aviso prévio, e essa interrupção coincidentemente ou não, leva direto ao conjunto de G's; e por último, a avenida Augusto Severo, que não é necessariamente um grande eixo viário dentro do bairro, mas desempenha um papel importante de ligação, já que permite o acesso rápido à GO-060.

Há também a avenida Leste-oeste (Figura 22), no entanto, está não está oficialmente dentro dos limites do Bairro Goiás, já que ela passa pelo Jardim Mirabel, mas como será explicado posteriormente neste estudo, ela é o principal canal de acesso dos bairros centrais ao bairro Goiás. Promovendo a rotação constante de pessoas dentro dessa localidade.

A julgar que o foco principal é fazer uma intervenção no terreno que também tenha impacto direto no Bairro Goiás, principalmente quando se trata de beneficiar os moradores locais e atrair público de fora para o mesmo, enfatizou-

FIGURA 20: Av, Felipe Camarão



Fonte: Google Earth – editado pela autora

FIGURA 21: Av. Padre Monte



Fonte: Google Earth – editado pela autora

FIGURA 22: Av. Leste-Oeste



Fonte: Google Earth – editado pela autora

se as vias desse bairro, e não de outros. Os eixos importantes são os que permitem aproximação direta através do Goiá.

Tendo isso em mente, o mapa mostra que existem apenas duas vias que têm contato a seco com o terreno, além das vias que compõem o conjunto de G's. Ao todo são sete ruas que possibilitam o acesso ao terreno, e dessas sete, apenas uma tem dimensão apropriada para receber um fluxo intenso, o que seria necessário na concretização da intervenção.

O conjunto das ruas "G's", que atualmente se trata de ruas locais, sem fluxo intenso justamente por essa parcela abrigar apenas residências, sofrerá influência direta e drástica com uma intervenção desse porte. O que abre para uma discussão: Como preparar uma parcela urbana consolidada para esse impacto? Realocar pessoas ou casas não é uma opção considerada viável no âmbito desse estudo. A intenção deve ser prioritariamente de adequar as vias de acordo com as demandas do futuro parque. Tais questões que aqui sinalizamos, no âmbito de diretrizes, são objeto para outros estudos, tendo em vista que o enfoque deste trabalho é o projeto do parque urbano.

A Avenida de maior fluxo passa rente ao conjunto das G's e ainda existe também uma pracinha que abriga o ponto de ônibus próximo a essas ruas. Essas condicionantes auxiliam a pensar em uma entrada para o parque que permita acesso direto para quem vem desta direção.

Uma solução seria pensar em um eixo de ligação entre as vias de maior fluxo mais próximas da chácara, e criar um ponto em comum entre elas. Propor uma nova forma para a praça de modo que auxilie na conexão entre esses eixos.

Saindo da rua G-02, já na esquina da mesma é possível visualizar o ponto de ônibus (Figura 23) em um dos sentidos da Avenida Padre Monte, o que evidencia o quão próximo esses elementos estão da chácara, o objeto de estudo.

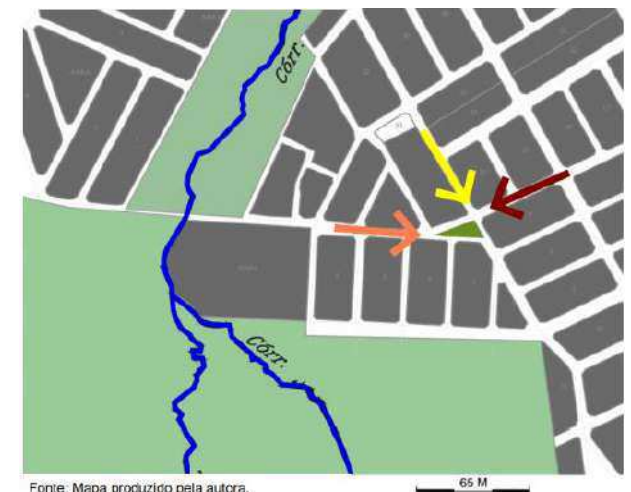
Essa praça é um ponto essencial para pensar uma adaptação ao sistema viário que harmonize com a intervenção. Usar esse ponto como ferramenta que facilite o acesso ao parque proposto, já que se trata de um ponto de encontro de vias importantes do Bairro.

FIGURA 23: Pracinha vista da esquina da rua G2



Fonte: Fotografia capturada pela autora

FIGURA 24: Distribuição dos fluxos a partir da praça



Fonte: Mapa produzido pela autora.

Fonte: Mapa produzido pela autora

As setas no mapa (Figura 24) indicam de onde virão os maiores fluxos que passarão por essa pequena praça. A seta laranja indica as pessoas que vêm dos bairros anteriormente mencionados como Tropical Verde, Parque Industrial João Braz, e Goiânia Viva majoritariamente, já que essa avenida é muito usada por essa população para acessar o setor Campinas ou até mesmo o centro de Goiânia.

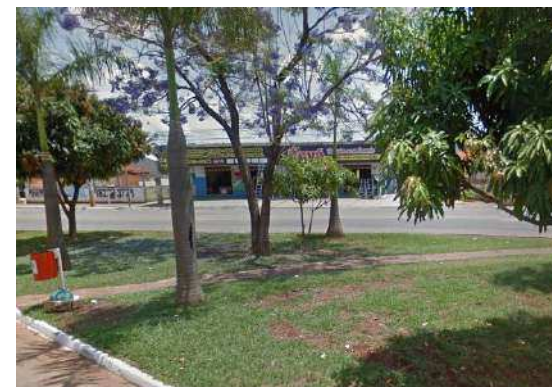
A seta amarela, mostra portanto a via que finaliza o trajeto da avenida Felipe Camarão. Esta avenida costuma ser utilizada pelos motoristas que acessam o bairro pela avenida Leste-Oeste, evitando grande parte da Av. Padre Monte justamente pelo trânsito carregado. Essa seta também indica o percurso utilizado pelos moradores do Jardim Mirabel. Como grande parte do comércio regional se encontra na via principal do Goiá, os moradores se veem obrigados a fazer esse deslocamento.

Por fim, a seta vermelha é referente às pessoas que, opostamente à seta laranja, vêm desses bairros mais centralizados. Muitas vezes esse público é constituído por indivíduos que se deslocam em razão do trabalho para essas regiões e fazem esse mesmo trajeto todos os dias da semana, como foi constatado pelas observações realizadas em campo.

Assim como mostrado no mapa (vide Figura 24), a praça tem a potencialidade de organizar o fluxo canalizado nas vias adjacentes e redistribuir para a zona do futuro parque. As fotos à seguir mostrarão em quais sentidos o pequeno largo tem influência direta. A pracinha atualmente passa por um momento de descaso (Figura 25) por parte da prefeitura, situação que seria atípica há meia década atrás, onde todo dia era enviado um caminhão-pipa para regar as plantas e hortaliças que eram cultivadas na mesma. Hoje, as árvores presentes são resultados dos cuidados de moradores locais que ainda se disponibilizam, principalmente em finais de semana, a cuidar do que resta de verde no largo.

A exemplo da pequena praça mencionada, há outras áreas verdes no entorno da chácara que estabelecem relações nas situações cotidianas. As fotos ao lado mostram o sentido da via que traz pessoas dos Bairros Tropical Verde (Figura 26), Goiânia Viva (Figura 27), Parque Industrial João Braz (Figura 28),

FIGURA 25:Falta de manutenção na praça



Fonte: Google Earth – editado pela autora

FIGURA 26: Sentido Tropical Verde



Fonte: Foto capturada pela autora

Figura 27: Sentido
Goiânia Viva



Figura 28: Sentido João
Braz



Fonte: Fotos capturadas pela autora

etc. A maioria dessas localidades tem a mesma composição do Bairro Goiá, porém ainda estão em processo de desenvolvimento e principalmente de ocupação. O Parque Industrial João Braz conta com uma praça equipada com quadra de futsal, ainda sem piso adequado, com academia comunitária e um lago que é circundado por uma pista de caminhada. Esse eixo da Avenida Padre Monte leva direto a essa praça, o que atualmente também influencia na intensidade do fluxo da mesma.

Neste ponto da avenida é comum observar carros estacionados em todas as vias que compõem esse cruzamento. Importante destacar essa informação para descrever o quanto o fluxo é constante nessa parcela da via, majoritariamente pela utilização de comércios de atendimento rápido como bares, açougues ou distribuidora de bebidas. A intensidade é nitidamente maior ainda em horários considerados de “pico”, que geralmente se trata do horário que as pessoas saem do trabalho.

Com a propriedade de alguém que já trabalhou em um desses pontos comerciais, é possível afirmar que a quantidade de pessoas que utilizam esses estabelecimentos é igualmente distribuída entre quem reside na região e quem apenas passa pela localidade e decide utilizar os serviços ali oferecidos.

Esses dados confirmam a observação feita em campo sobre a origem dos fluxos automobilísticos que passam por esse cruzamento, e demonstra que independente das pessoas residirem ou não na região, essa pequena parcela da avenida incita a passagem e a permanência das mesmas dentro do bairro.

Fragilidades e Potencialidades

Para que tivesse início a caracterização geral das áreas residuais do entorno imediato do Bairro Goiá e de sua adjacência, foi selecionado um perímetro que corresponde ao conjunto de várias chácaras remanescentes, cuja origem remonta a períodos anteriores ao da consolidação urbana, e que, na atualidade, faz divisa e tem contato direto com a urbanização.

A área selecionada se imiscui na parte periférica da região Oeste da Cidade de Goiânia de modo quase labiríntico ou intersticial, de modo a “enroscar-se” a loteamentos urbanos mais recentes realizados em áreas correspondentes a antigas chácaras. Essa situação de contato direto (Figura 29) entre bairros periféricos consolidados e o grande conjunto formado por chácaras remanescentes (Figura 30), no qual é possível o contato sensível com elementos significativos da paisagem do cerrado, tem relação direta quanto aos aspectos aparentes no que diz respeito à dinâmica e ao desenvolvimento da localidade em questão e é aqui assumida a partir de sua *potencialidade* à implantação de áreas verdes - notadamente próximas ao que pode se entender como um parque urbano.

Trazendo para análise o cenário atual de urbanização do entorno do perímetro em observação, vê-se, ao longo de toda a sua extensão, várias parcelas em situações distintas no que concerne aos estágios de desenvolvimento urbano. Parte está em processo de verticalização, parte em processo de ocupação, parte está em processo de estruturação, etc.

A diversidade que caracteriza a circunvizinhança em análise pode ser vista, por outro lado, como fragilidade na medida em que expõe as precárias condições de urbanização decorrentes, em síntese, da desatenção do Poder Público para com o provimento de infraestruturas e equipamentos urbanos básicos em áreas periféricas. Em termos gerais, tal fragilidade se caracteriza em termos sócio-ambientais pela escassez de equipamentos públicos, pela precariedade de infraestruturas urbanas e pela pouca disponibilidade à população à áreas livres públicas voltadas ao lazer.

Em outros termos, é possível caracterizar a situação periférica do território ao qual se volta esse estudo a partir da ideia de segregação sócio-

FIGURA 29: Contato Urbanização e área residual.



Fonte: Foto capturada pela autora

FIGURA 30: Malha urbana e chácaras



Fonte: Foto capturada pela autora

espacial atinente, sobretudo, à desigualdade de oportunidades (Figura 31) oferecidas ao acesso às centralidades e a serviços urbanos básicos.

Neste sentido, em que pesem as especificidades de cada um dos bairros que margeiam o conjunto de chácaras residuais, há algumas características que demonstram as fragilidades dessa região como um todo. A falta de acesso ao centro e as facilidades que o mesmo oferece, a deficiência na oferta de atividades e ambientes culturais (Figura 32), a falha no que diz respeito a proporcionar qualidade de vida a todos que ocupam uma parcela no perímetro urbano dentro da capital, etc.

FIGURA 31: Praça do Lions – Descaso.



Fonte: Google Earth – editado pela autora

FIGURA 32: Praça da creche do bairro.



Fonte: Google Earth – editado pela autora

Fragilidades e Potencialidades – Diversidade visual.



1 - Área de pastagem na divisa do Bairro Goiá, sem função ou aproveitamento direto por parte da população próxima. Sem cerca ou separação física adequada.

2 - Área de preservação com mata densa que abriga e protege o curso hídrico presente, Córrego Taquaral. Importante trecho viário com fluxo intermediário que faz contato direto com a área a ser preservada.

3 - Parte do terreno residual com muros que o separam do seu entorno, que ainda está em processo de estruturação.

4 - Parcela presente próxima a vias de grande fluxo, no entanto, é possível ver que o abandono fez com que a área passasse a ser usada como depósito de lixo.

5 - Área sem divisas físicas com a urbanização, permitindo a perfeita visão de parte da mata ciliar presente ao longo do Córrego.

6 - Entorno da Subestação de energia, que demonstra a proximidade com as vias de grande fluxos próximas ao local.

7 - Área de vasto pasto, sem exemplares arbóreos próximos aos moradores.

8 - Uma quadra não consolidada sendo “espremida” pela urbanização.

9 - Trecho rente a via local que está paralela às nascentes do córrego Santa Rita.

10 - Espaço aparentemente prestes a ser consolidado, com ligação direta para a parcela de cerradão presente no terreno.

Fragilidades e Potencialidades – Diversidade visual.



11 - Mata nativa do Cerrado, sem uso e em contato imediato com a urbanização.

12 - Parcela de horta, cultivada em propriedade privada.

13 - Parte da chácara de domínio privado, próximo ao cultivo de hortas, mas que permanece sem uso produtivo aparente.

14 - Limite do terreno vazio que se encontra ao lado da parcela verticalizada da região.

15 - Outra chácara de domínio privado que não se assemelha na produção de hortas.

16 - Entrada por estrada de chão que dá acesso a esse parcelamento urbano que resultaram em várias chácaras.

17 - Estrada de acesso.

18 - Parcela em processo de estruturação e urbanização que se localiza próximo aos cursos hídricos.

19 - Entrada direta para mata densa em escala florestal (Cerradão).

Zoneamento a partir do nível de pressão que as áreas sofrem para serem urbanizadas



Diante de todas as informações apresentadas anteriormente, neste momento avalia-se o conjunto de chácaras a partir das várias possibilidades e interesses que podem ser gerados sob uma área com como a apresentada na atual conjuntura social.

Os interesses podem ser de caráter preservacional, de intervenção ou até mesmo de especulação, a partir das tendências urbanas observadas.

ÁREAS COM RESTRIÇÃO TOTAL À URBANIZAÇÃO.

Imediações de nascentes e cursos d'água com mata ciliar significativa.

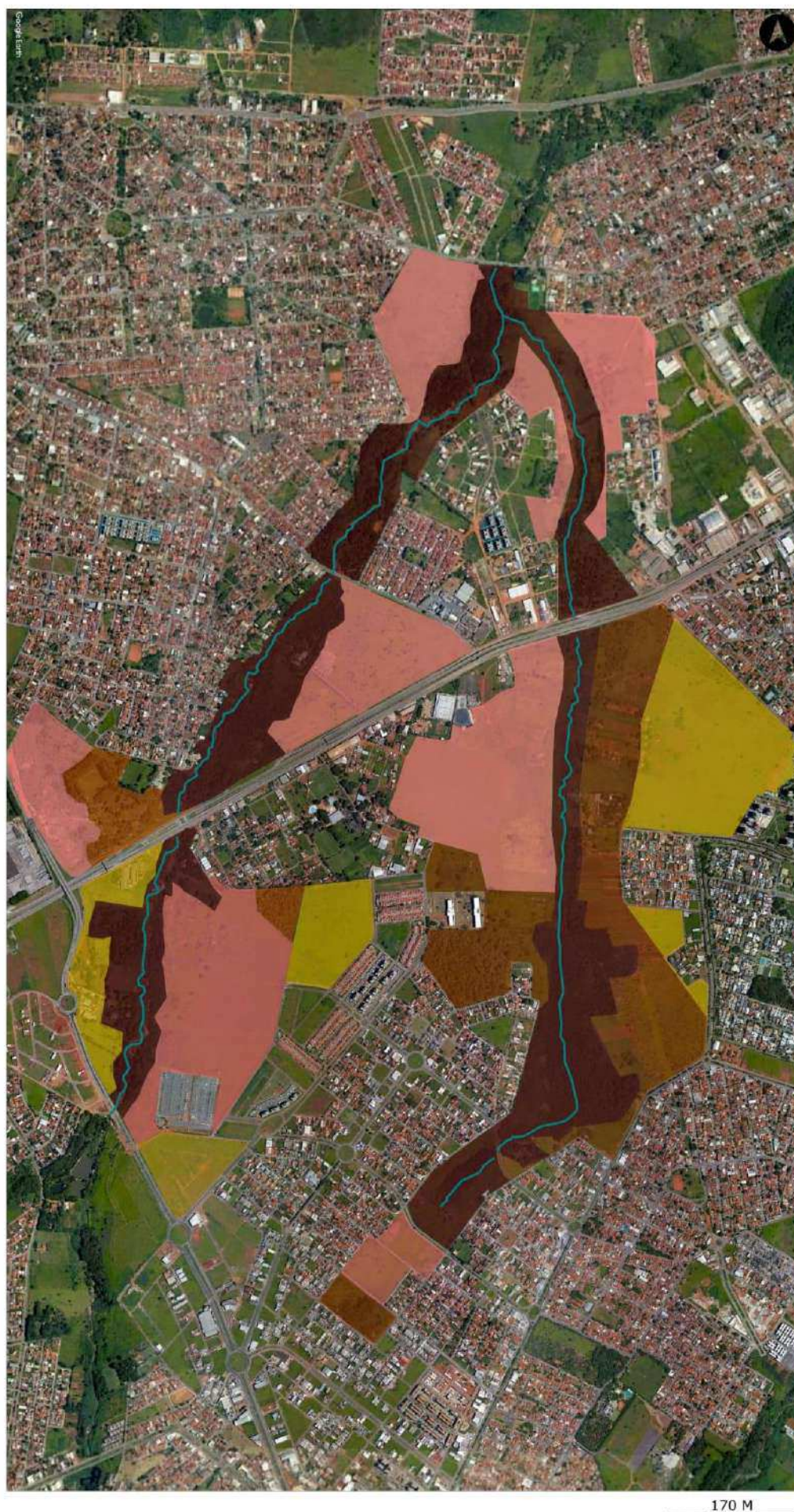
ÁREAS COM POTENCIALIDADE À URBANIZAÇÃO DE BAIXA DENSIDADE.

Bordas de amortecimento com tendência e com potencial à urbanização de média ou baixa densidade.

ÁREAS COM POTENCIALIDADE À URBANIZAÇÃO DE BAIXÍSSIMA DENSIDADE E CONVÍVIO COM PASTOS E HORTAS PERIURBANAS

Áreas de pasto com potencialidade à ocupação de baixíssima densidade, prevendo usos compatíveis com a preservação dos elementos naturais existentes.

Zoneamento a partir da visão de Preservação Ambiental



O mapa ao lado apresenta o zoneamento proposto com vistas à preservação ambiental do conjunto de chácaras remanescentes e, tem a função de classificar as áreas verdes de acordo com as suas potencialidades paisagísticas e ambientais assegurando a conciliação de usos sustentáveis, a possibilidade de usufruto pela população local como área de lazer a preservação dos elementos naturais existentes.

PASTOS COM POTENCIALIDADE PARA O REFLORESTAMENTO E ENRIQUECIMENTO ARBÓREO .

Pastagens com maciços arbóreos pontuais e com potencialidade para reflorestamento e enriquecimento arbóreo compreendidos no âmbito da implantação de áreas livres de lazer.

BOSQUES HETEROGÊNEOS, MATAS DENSAS (CERRADÃO) E PEQUENAS HORTAS FAMILIARES COM POTENCIALIDADE AO FOMENTO DE USOS SUSTENTÁVEIS INTEGRADAS AO LAZER PASSIVO.

Área com fragmentos significativos de cerradão, bosques heterogêneos e pequenas hortas familiares, na qual identifica-se a potencialidade ao fomento de usos sustentáveis integradas ao lazer passivo.

ZONA DE AMORTECIMENTO.

Áreas com tendência iminente à urbanização, para a qual são previstas restrições ao adensamento e a integração paisagística ao contexto do parque urbano.

ÁREAS A SEREM INTEGRALMENTE PRESERVADAS (MÍNIMA INTERVENÇÃO)

Parcela a ser preservada e mantida em seu estado mais natural possível. Por se tratar de recursos naturais insubstituíveis, além da possibilidade de trazer atenção dos moradores para os atributos ambientais presentes dentro da cidade e a necessidade de conservação que esses recursos demandam.

Macrozoneamento Definido – Núcleo Vereda dos Buritis



1 O território ao qual está sobreposto a cor verde claro, sinaliza a área de proteção dos Córregos que compreende a mata ciliar e a Mata de galeria. É necessário a preservação desses atributos naturais para manter o bom funcionamento do curso hídrico e da dinâmica ambiental local.

2 Parcela destinada a incitação e potencialização de atividades individuais. Atividades essas que vão desde a apreciação, com local para leitura e descanso, até a possibilidades de aulas e práticas de esportes intimista.

3 Em contra partida, esta área será destinada a execução de atividades coletivas, com quadras poliesportivas, oferta de aulas e oficinas, etc.

4 Espaço programado para receber equipamentos que não estão presentes nesta região da periferia. Justamente pela distância com as centralidades, a intenção é aproximar esses moradores locais das condições de vivencia de qualidade o centro oferece.

5 A área indicada será destinada a hortas, formando assim um cinturão entre as duas extremidades presentes no mapa indicadas pela transparência. A ideia é fazer com que essas hortas sejam atividades complementares para as pessoas que habitam na periferia local e que seja um atrativo a mais que impulse o desenvolvimento para essa área e o seu entorno.

Macrozoneamento Definido – Núcleo Vereda dos Buritis



6 Este núcleo do terreno será destinada a recreação e lazer com animais domésticos, com circuitos e uma pequena praça que se apresenta ao morador desta região como entrada de destaque para o parque.

7 Esta parcela compreende espaços que serão destinados a urbanização. (vide mapa x)

8 Esta parte majoritariamente é caracterizada pela mata tipo cerrado, que se trata das espécies do Cerrado em escala Florestal. Compreende-se que a cor em questão circunda as áreas que serão destinadas às atividades de trilha e desfrute visual da Mata natural, ou seja, por ser densa e Atrativa visualmente será preservada para que as pessoas possam se apropriar de maneira passiva e sem danos, criando uma proximidade ainda não existente entre moradores e natureza.

Macrozoneamento Definido – Núcleo Solange Parque



1 Espaço escolhido para receber projetos paisagísticos que permitam a apreciação de obras de arte a céu aberto. Sejam peças teatrais ou exposições. A intenção nesta parcela é a de obter um projeto de paisagem complexo que incite a busca pela cultura e pela arte, a partir dos atributos naturais vigentes.

2 Parcela destinada majoritariamente ao debate e à interação social. Composta por pequenas praças que instiguem as pessoas conversarem entre si. Ainda em um contexto artístico, a arte quando apreciada, deve ser compartilhada, e é nesse conceito que essa parcela da área será pensada.

3 Espaço que tem como função abrigar equipamentos de cultura do núcleo artístico-cultural, como teatros, palcos cobertos, salas de exposição, etc.

4 O território ao qual está sobreposto a cor verde claro, sinaliza a área de proteção dos Córregos que compreende a mata ciliar e a Mata de galeria. É necessário a preservação desses atributos naturais para manter o bom funcionamento do curso hídrico e da dinâmica ambiental local.

Macrozoneamento Definido – Núcleo Bairro Goiá



1 Zona para equipamentos culturais de grande porte (Feira, praça de alimentação, etc) que suportem fluxo intenso de pessoas.

2 Zona de baixa intensidade de uso, com praças de amortecimento ao longo das bordas do parque e jardins diversos voltados à contemplação e ao lazer passivo.

3 Zona de uso intensivo, para a qual são propostas intervenções projetuais com vistas à valorização paisagística da área considerando as especificidades de seu contato com os bairros adjacentes.

4 Zona de amortecimento e contenção da urbanização, ao longo dos córregos e da mata ciliar a serem preservados

5 Esta parcela compreende espaços que serão destinados a urbanização de baixa densidade. (vide mapa x)

6 Área de proteção dos Córregos que compreende a mata ciliar e a Mata de galeria. Propõe-se a preservação e a valorização paisagística desses elementos naturais mediante a implantação de percursos e estares voltados à contemplação da natureza e à fruição paisagística

Macrozoneamento Definido – Núcleo Grandville



1 Área destinada a exposição da diversidade biológica encontrada na região. Serão pensados vários jardins que demonstram a variedade possível dentro do Bioma Cerrado, alinhados com o trabalho de reflorestamento de uma área que é inteiramente zona de pasto. Jardim Botânico do Cerrado.

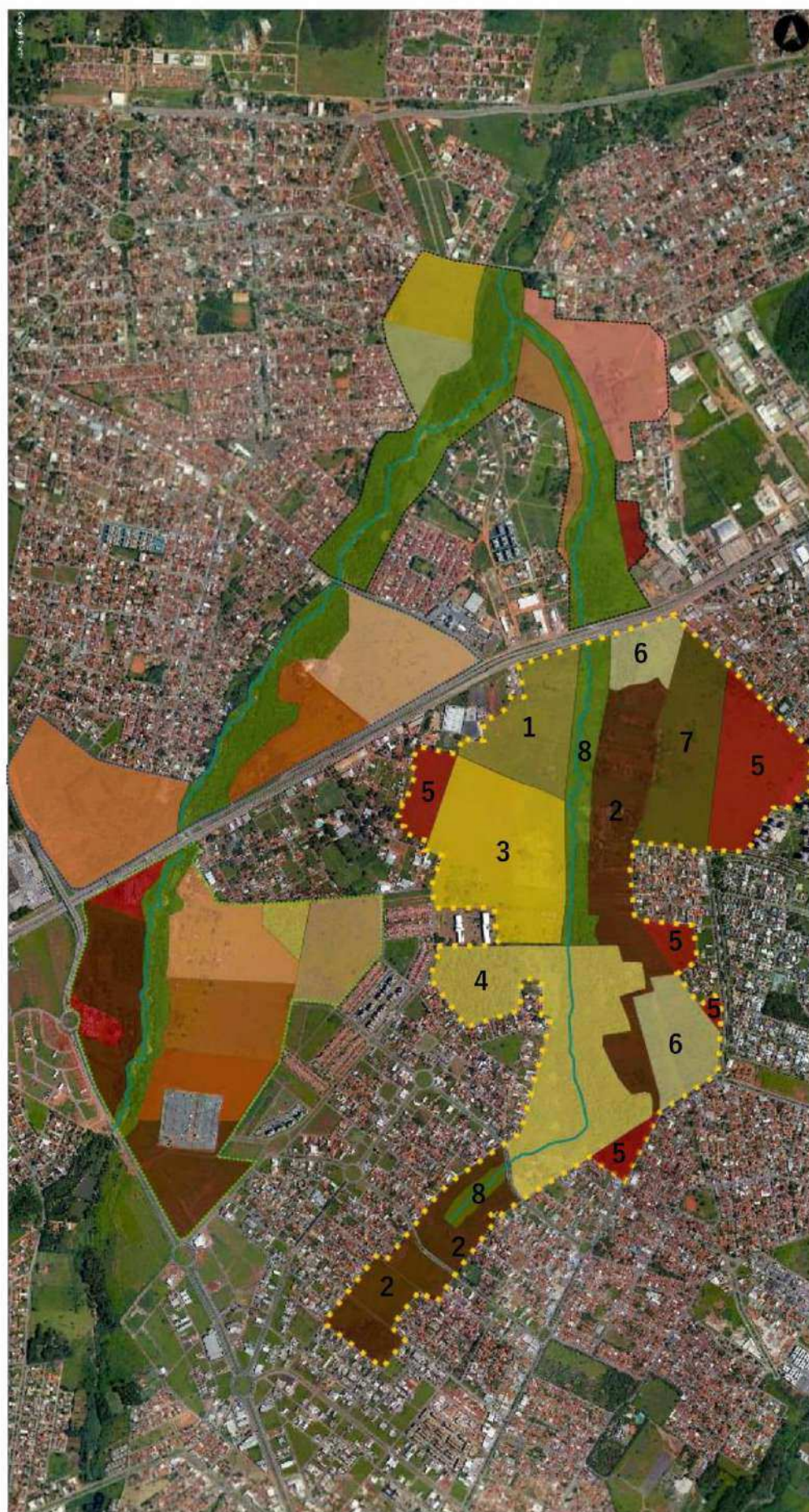
2 A área indicada será destinada a hortas, formando assim um cinturão entre as duas extremidades presentes no mapa indicadas pela transparência. A ideia é fazer com que essas hortas sejam atividades complementares para as pessoas que habitam na periferia local e que seja um atrativo a mais que impulse o desenvolvimento para essa área e o seu entorno.

3 Zona de “jardins em movimento” (CLEMENT, 2005), com espécies que se adaptaram ao bioma e a dinâmica da área residual, com possibilidade de criação de lagos. Zona de jardins em movimento.

4 A área é caracterizada pela mata tipo cerradão, que se trata das espécies do Cerrado em escala Florestal. Compreende-se que a parcela em questão circunda as áreas que serão destinados às atividades de trilha e desfrute visual da Mata natural, ou seja, por ser densa e Atrativa visualmente será preservada para que as pessoas possam se apropriar de maneira passiva e sem danos, criando uma proximidade ainda não existente entre moradores e natureza.

5 A parcela em questão compreende espaços que serão destinados a urbanização. (vide mapa x).

Macrozoneamento Definido – Núcleo Grandville



6 Área com vegetação heterogênea (fragmentos de cerradão e cultivo de hortaliças). Com essas condições é interessante trazer essa diversidade aos olhos dos moradores locais, para que haja percepção do quão rico este cenário é e incitar a colaboração para a preservação do mesmo, a partir de oficinas e aulas coletivas para moradores locais.

7 Área que precede a região com maior índice de crescimento e verticalização do todo o entorno do complexo urbano proposto. É proposta uma zona de amortecimento que introduza a urbanização às hortas e ao restante do complexo. um parque linear localizado, que faz parte do todo.

8 Área de proteção dos Córregos que compreende a mata ciliar. É necessária a preservação desses atributos naturais para valorizar a paisagem e contribuir para oportunidades à fruição sensível da paisagem.

Potencialidades e Fragilidades

O período em que a chácara ficou abandonado, no que diz respeito a vegetação, é interessante pensar que, ao mesmo tempo que a imagem atual mostra uma diminuição de árvores em lugares específicos, principalmente entre as extremidades da erosão, no centro dessa mata mais densa estão espécies que amadureceram. De uma imagem (Figura 33) para a outra (Figura 34) é possível notar algumas árvores que se mantêm até os dias de hoje, alguns maciços arbóreos que não existem mais, e uma ideia sobre o que poderá a ser essa parcela, se der continuidade aos procedimentos decorrentes de abandono aplicado até hoje. O abandono e a falta de manutenção são o reflexo de um lugar ignorado pelo seu entorno.

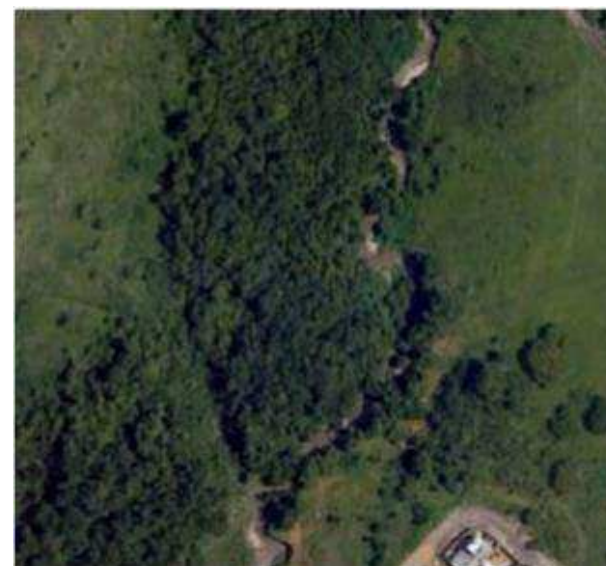
As imagens mostram como as imediações das margens dos rios foram degradadas e como as copas que antes cobriam o curso hídrico como visto nas imagens aéreas, já não estão mais presentes, o que permite uma visão exata o quão distintas e diferentes se mostram as situações ao longo do processo de erosão.

As vistas superiores também permitem constatar que em alguns pontos nasceram árvores, principalmente nas áreas mais afastadas do fundo do vale, contradizendo o que aconteceu rente ao córrego.

Ainda sobre o Córrego Taquaral, é notória a diferença da sua dimensão para o Córrego Santa Rita. O Córrego tem um fluxo de água maior e conseqüentemente, a ocorrência de erosão costumava ser proporcional a essa característica. Desse modo, com o passar dos anos essa abertura no terreno se tornou muito expressiva. Como mostra as imagens abaixo, em um período de 17 anos, essa rachadura se tornou cada vez mais agressiva, chegando ao ponto de se tornar desproporcional para o curso de água que abriga.

Lembrando que este riacho também serve como ponto de parada para a criação de gado do local. O Taquaral, apesar de contar com erosões que formam barrancos altos e perigosos, se assemelha com o Santa Rita ao possuir uma parcela de terra suavemente inclinada em direção ao curso d'água. Como

FIGURA 33: Erosão - 2018



Fonte: Google Earth - editada pela autora

FIGURA 34: Erosão - 2002



Fonte: Google Earth - editada pela autora

mostram as fotos apresentadas, o pisotear dos animais acabou desenhando o caminho pelo qual passam diariamente para tomar água. Esses pequenos detalhes demonstram que a chácara está sujeita cotidianamente, e são importantes para pensar em que se deve intervir ou não.

Dando continuidade ao pensamento sobre o que deve ser salvaguardado e o que deve sofrer intervenção dentro da chácara, há algumas espécies arbóreas que compõem a paisagem de maneira tão assertiva (Figura 35) que não há a necessidade de refazer o cenário paisagístico em que elas estão inseridas de outra maneira. A melhor opção é pensar no enriquecimento arbóreo dessa parte da chácara, ou seja, pensar uma intervenção de modo que a composição seja harmoniosa com os elementos naturais que serão mantidos. Um exemplo desses elementos são os apresentados na figuras 36.

As fotografias foram intencionalmente capturadas de uma certa distância para demonstrar o quanto a paisagem é modificada por ambos elementos. A terceira foto (Figura 37) mostra dois exemplares de Mangueiras (*Mangifera indica*) que cresceram muito próximas, ao ponto das copas encostarem. Ainda é comum ver crianças e até famílias inteiras pegando manga debaixo dessas árvores quando a época adequada chega. O outro exemplar arbóreo, de espécie não identificada, (nome) é esbelto, alto e a presença é marcante na composição do cenário que se forma a sua volta. Ainda que haja outras árvores próximas, ela se destaca pela distinção com o que está em volta.

Outros elementos arbóreos marcantes na paisagem, são o agrupamento de espécies, que configuram um bosque heterogêneo que fica em frente ao conjunto de ruas “G’s”. A fotografia foi tirada do ângulo de um pedestre que está passando pela rua G 2. Essa agregação de árvores é vista de longe por quem entra em qualquer uma das ruas do conjunto e não simplesmente compõe a paisagem, esse conjunto molda o cenário do observador, que não vai ver somente o um campo para pasto, verá um campo verdejante com um corredor arbóreo expressivo ao fundo.

Outro elemento de extrema importância para a composição da paisagem é o céu (Figura 38), principalmente quando se observa o contraste com o horizonte do pasto. Tanto no Bairro Goiá quanto nos bairros do entorno, não é comum

FIGURA 35: Bosque heterogêneo



Fonte: Capturada pela autora

FIGURA 36: Exemplar arbóreo esbelto.



Fonte: Capturada pela autora

FIGURA 37: Par de Mangueiras.



Fonte: Capturada pela autora

encontrar edifícios com mais de três andares, e os que existem estão afastados do terreno em evidência.

Sendo assim, é de suma importância lembrar que este elemento compõem qualquer que seja o panorama paisagístico do local, e dadas as condicionantes de não haver edifícios maiores, a intenção é justamente mostrar que neste ponto da região, há uma vista privilegiada para o céu, vista esta que deve ser apreciada de todos os ângulos da chácara.

FIGURA 38: Céu compondo a paisagem



Fonte: Capturada pela autora

1.3 – INSERÇÃO URBANA

O enfoque do trabalho se volta a uma grande área livre residual situada junto à extremidade noroeste do Bairro Goiá correspondente a uma chácara remanescente. Grande parcela da chácara é lindeira a um conjunto de vias, hoje denominado “conjunto de g’s” (Figura 39), implantado dentro do parcelamento informal da antiga fazenda Santa Rita sem a supervisão da prefeitura e cujas quadras se encontram atualmente consolidadas.

Ainda nesse contexto, é importante ressaltar que a chácara atualmente está em situação de “semi abandono”. Há pequenos núcleos de criação de gado, porém, não há contenção que delimite o fluxo entre espaço urbano e rural, e embora se trate de uma propriedade privadas semi abandonadas, não existe supervisão de quem entra e sai do lugar. Com isso, não há manutenção do terreno e de seus limites, nem dos cursos hídricos e massas arbóreas que o compõem. Diante dessas circunstâncias, é possível constatar que um determinado trecho da chácara se tornou viciado (Figura 40), um ponto de descarte de resíduos inadequado na região. É importante ressaltar que a coleta de lixo no bairro é regular, mesmo nas áreas mais afastadas, no entanto, exatamente neste trecho da chácara, não há assiduidade na coleta (Figura 40). Curioso que, alinhando a frequência com que se amontoavam resíduos e a falta de coleta, o proprietário do terreno modificou o eixo da cerca que delimita a chácara, em uma tentativa de remover a parte “viciada” de sua responsabilidade, como mostram as fotografias ao lado.

A parte apresentada como viciada, está, atualmente, da mesma maneira que retrata a fotografia, o que leva a um questionamento, como e por quê uma área verde e de pastagem, passou a ser vista como possível depósito de lixo pelos habitantes do entorno? A verdade é que se analisarmos as imagens coletadas, é possível constatar que esse espaço nunca foi de fato tratado como um bem coletivo. Houve sim uma época em que as pessoas usufruíam dos elementos naturais que ali constam, mas o uso se deu unicamente por conveniência e por necessidade. Por se tratar de uma região ainda em desenvolvimento, obviamente não haviam áreas planejadas para o lazer da população, então os moradores improvisaram.

FIGURA 39: Conjunto de G's.



Fonte: Capturada pela autora

FIGURA 40: Parte viciada.



Fonte: Capturada pela autora

FIGURA 40: Parte viciada 2



Fonte: Capturada pela autora

Estudos do terreno

A chácara é uma área não urbanizada. No entanto, ela está em contato direto com a urbanização consolidada do Bairro Goiás. Atualmente, este contato se dá “a seco”, isto é, não há qualquer demarcação de zonas de amortecimento que façam a intermediação (mediação) entre o urbano e o não urbano, aspecto que favorece o interesse por seu estudo no âmbito do presente trabalho. Há tão somente uma cerca de arame farpado no perímetro da área, sendo inexistente, até mesmo, passeio público.

Durante todo o dia é possível notar como o espaço não é apropriado ou utilizado pela população local. Importante apontar o quão contraditório é ter o contato direto com a malha urbana é ainda assim ser completamente ignorado ou ser utilizada de forma indevida, como os pontos viciados apresentados anteriormente.

A quantidade de pessoas que passam pelo entorno direto (Ruas G-06) é esporádica e tem relação direta as novas ocupações comerciais que surgiram no bairro. Todos que residem no conjunto de G's e trabalham nessas pontos comerciais rente à chácara passam por essa via. Importante colocar que essa nova região comercial está inserida na parcela da região que vem em uma expansão constante de consolidação nos últimos 10 anos.

O terreno é banhado por dois córregos que pertencem à bacia do Rio Meia Ponte. Trata-se dos córregos Taquaral e Santa Rita, que escoam por toda a extensão do terreno, contendo, ainda que de forma indireta, o avanço de loteamentos.

Muito se fala sobre um terreno ou imóvel exercer ou não função social, quando se trata de m² dentro da malha urbana. Em lotes ou chácaras urbanas, a efetivação do cumprimento da sua função social tem relação com a integração ou não da área a seu entorno, possibilitando relações harmônicas entre o público e o privado, entre os espaços livres e construídos, entre áreas de circulação e de permanência, etc. Já a “não-função” também apresenta interferências, em geral negativas.

A quantidade de espaços ditos sem função social tem relação direta com as dinâmicas econômicas vigentes na região. a existência de espaços ociosos nas cidades brasileiras, seja em zona centrais, seja em suas periferias, é um fenômeno que deve ser compreendido no âmbito dos processos de especulação imobiliária, bastante frequentes no modo pelo qual as cidades se desenvolvem, segundo a lógica do capital.

Apesar dos esforços de grande parte dos urbanistas contemporâneos em propor cidades compactas, tema amplamente discutido nos dias de hoje no Brasil e no mundo, o alcance dos planos muitas vezes é limitado e sua implementação é sobrepujada pelos interesses do capital. Com isso, vê-se áreas ociosas em meio a centros consolidados e bem servidos de infraestrutura ao mesmo tempo em que as periferias se expandem em áreas de risco ou de fragilidade ambiental, carecendo de serviços urbanos mais básicos.

Visando lucro, mais e mais loteamentos são aprovados sem que sejam implantados elementos básicos de infraestrutura, em espaços que vão demandar tempo e investimento público até que se desenvolvam ao nível dos bairros centrais, se é que chegarão a esse patamar. Essa situação cria uma conjuntura de possibilidade para futuros abandonos, para a não consolidação completa desses loteamentos, além de que os locais escolhidos, usualmente, são afastados da cidade, formando assim um conjunto de vazios urbanos que vão desde a escala do lote, até parcelas maiores que se tornam chácaras no meio urbano.

Outro fator decisivo na presença de espaços residuais, é a relação que o planejamento urbano tem com as formas do terreno. O relevo tem papel determinante quando se trata do que será ou não ocupado. Em terrenos mais planos, a tendência é haver adensamento e consolidação de forma mais rápida do que em terrenos acidentados, onde a alta declividade muitas vezes se coloca como impedimento a instalação de certas estruturas urbanas.

Voltando-se um pouco mais à ideia de função social, é interessante ressaltar em quais conceitos pode ser enquadrada a área em estudo. Em primeiro lugar, dizer que determinado terreno não exerce função social não significa dizer que ele seja um não lugar, isto é, um espaço desprovido de

identidade ou de potencialidades de usos, apropriações ou experiências sensíveis. Como será visto, os espaços residuais podem apresentar um grande potencial paisagístico.

No livro “O Manifesto da Terceira Paisagem” o paisagista Gilles Clément classifica os espaços sem uso aparente como espaços residuais, espaços que “sobraram” do planejamento de uma organização urbana. O que são esses resíduos? São “um conjunto organizado segundo as possibilidades oferecidas pelo relevo, pelas exposições, etc.” (CLÉMENT, 2005) São espaços que dentro de um determinado contexto, não apresentam uso direto ou indireto, sem manutenção, e que estão à mercê das dinâmicas de transformações naturais. Clément apresenta esses espaços como “uma quantidade de espaços indecisos, desprovidos de funções aos quais é difícil atribuir nome”. O autor ainda propõe, então, chamar o conjunto desses espaços de terceira paisagem. (CLÉMENT, 2005) Em um contexto urbano consolidado, a tendência é que as regiões centrais sejam mais densamente ocupadas, enquanto que as periferias, por apresentarem quase sempre um crescimento não ordenado, tendem a acumular mais parcelas de terreno vazias. Por isso é mais comum haver espaços residuais às margens do espaço urbano, onde há menos densidade e é favorecida a geração de resíduos.

Em outras palavras, Gilles Clément relaciona as áreas centrais e consolidadas à presença de espaços residuais pequenos e pouco numerosos e, por outro lado, as áreas periféricas à presença de amplos e numerosos espaços residuais, relacionados aos esgarçamento de tecido urbano dado em suas bordas. Essa informação vai no encontro das características da chácara residual estudada neste trabalho.

Clément coloca esses espaços como a terceira paisagem, um espaço que não é nem a solução e nem um problema, ou como o mesmo coloca “nem luz, nem sombra”. A terceira paisagem nada mais é que o resultado de uma organização territorial. Importante ressaltar que toda organização territorial gera resíduo e que para Clément a Terceira Paisagem constitui único território possível à diversidade e aberto ao porvir da natureza. (Clément, 2005).

“No espaço urbano eles correspondem à espera da execução de projetos suspensos por razões financeiras ou por decisões políticas. Tais atrasos, muitas vezes longos, permitem que os terrenos urbanos abandonados sejam cobertos por um manto florestal (floresta residual)”. .(CLÉMENT, Gilles. 2005)

Dentro dessa problemática (a existência de espaços residuais), Clément aponta uma nova visão sobre esses espaços, mostrando as potencialidades dos mesmos. O autor mostra como espaços residuais, ou Terceira Paisagem, se colocam no meio urbano como espaços de acolhimento, principalmente, para espécies que não tinham lugar em qualquer outro espaço. A Terceira Paisagem instiga a diversidade natural gerada a partir desse contexto de abandono que se repete nas malhas urbanas contemporâneas. É necessário ressaltar que além de instigar a diversidade natural, a Terceira Paisagem é uma das únicas fontes de espaços verdes naturais dentro da cidade, ela permite que exista natureza “orgânica” dentro da malha urbana.

Espécies excluídas, chamadas grosseiramente de “mato”, que não encontram lugar para se desenvolverem se juntam nesses espaços. Espécies que se adaptam de maneira satisfatória dentro de certo bioma também se apresentam na Terceira Paisagem, já que todo bioma, naturalmente, busca por uma estabilidade. Sendo assim, a Terceira Paisagem acolhe tudo o que for capaz de se integrar a ela, gerando um espaço de diversidade de espécies dentro da cidade.

Importante lembrar que os espaços residuais não acolhem somente a diversidade de espécies biológicas. Assim como as cidades não toleram as manifestações da natureza em todos os espaços no quesito biológico, essa dinâmica se repete no padrão de comportamento humano. Grupos de minorias são constantemente expulsos de espaços privilegiados. Interessante ressaltar que não se trata de uma diversidade puramente biológica, mas que essas superfícies são as que abrigam todos os grupos excluídos da malha urbana ocupada. Trata-se de um território que é ocupado democraticamente por todos.

Mas, o fato de que a Terceira Paisagem busca estabilidade das espécies não significa que ela a encontre. Dentre as classificações de espaços naturais ditas por Clément (paisagens primárias, resíduos e reservas), os resíduos são os que mais sofrem transformações ao longo do tempo. Esse déficit não permite que esse terreno tenha estabilidade dentro do seu bioma e faz com que esteja constantemente em busca desse equilíbrio. Vale colocar também que a grande diversidade dos resíduos torna o espaço proporcionalmente instável ao longo das interações naturais que neles acontecem.

Importante informar que esses espaços não entram nos estatutos e normas de proteção ambiental, sendo assim, não possuem nenhum anteparo.

Dado este cenário, há três maneiras de evolução para os resíduos, segundo Clément. A primeira opção se dá a partir de especulações no entorno que eventualmente abrangeria a área, o que acarretaria em uma intervenção humana ainda seguindo o modelo atual de exploração e o desaparecimento do resíduo. Segundo, o fator natural, que seria a integração das espécies primárias locais com as espécies que ali se adaptaram, mudando o cenário paisagístico do mesmo. E por último, o fator político, que conforme as gestões vão se alternando, os interesses para o espaço público também podem ser distintos. Em outras palavras, seja pela conversão em reservas naturais, seja pela absorção no tecido urbano, a diversidade dos resíduos desaparecerá.

Clément menciona a importância de identificar como o limite entre os resíduos e a malha urbana é tratado, pois muitas vezes espaços residuais acabam dando vida em seu interior ao que o autor chama de floresta residual, lar de grande diversidade de espécies, que estabelece relações com outras áreas residuais que também estão em contato com a malha urbana no entorno. Pensar como essa estrutura está montada dentro do perímetro urbano é visualizar as três camadas que a constituem. A chácara a qual é objeto desse estudo, exemplifica isso perfeitamente.

O espaço escolhido para ser o objeto de estudo tem uma parte florestal adensada no seu centro, ou seja, no seu interior, floresta residual essa que é cercada por uma pastagem de extensão considerável, agindo como filtro de amortecimento, fazendo com que a floresta residual não tenha contato a seco

FIGURA 41: Mapa chácara residual.



Fonte: Google Earth – editado pela autora

com a malha urbana. Ressaltando que todas as três camadas constituem o espaço residual. O mapa ao lado exemplifica isso (Figura 41)

PLANO DE MASSAS

Diante das condicionantes apresentadas neste trabalho, é palpável a necessidade de proporcionar um espaço livre de qualidade nesta área, que atualmente está sub-utilizada. A chácara, enquanto objeto isolado, apresenta grande potencialidade a parque dada a sua localização e os elementos que a compõem. A região, como um todo, precisa de um espaço que ofereça oportunidades de lazer e recreação às pessoas que nela habitam. Com isso, estabelece-se que a necessidade de um espaço de lazer e apreciação encontrada nesta região é ironicamente ligada a potencialidade percebida na área inutilizada presente neste território.

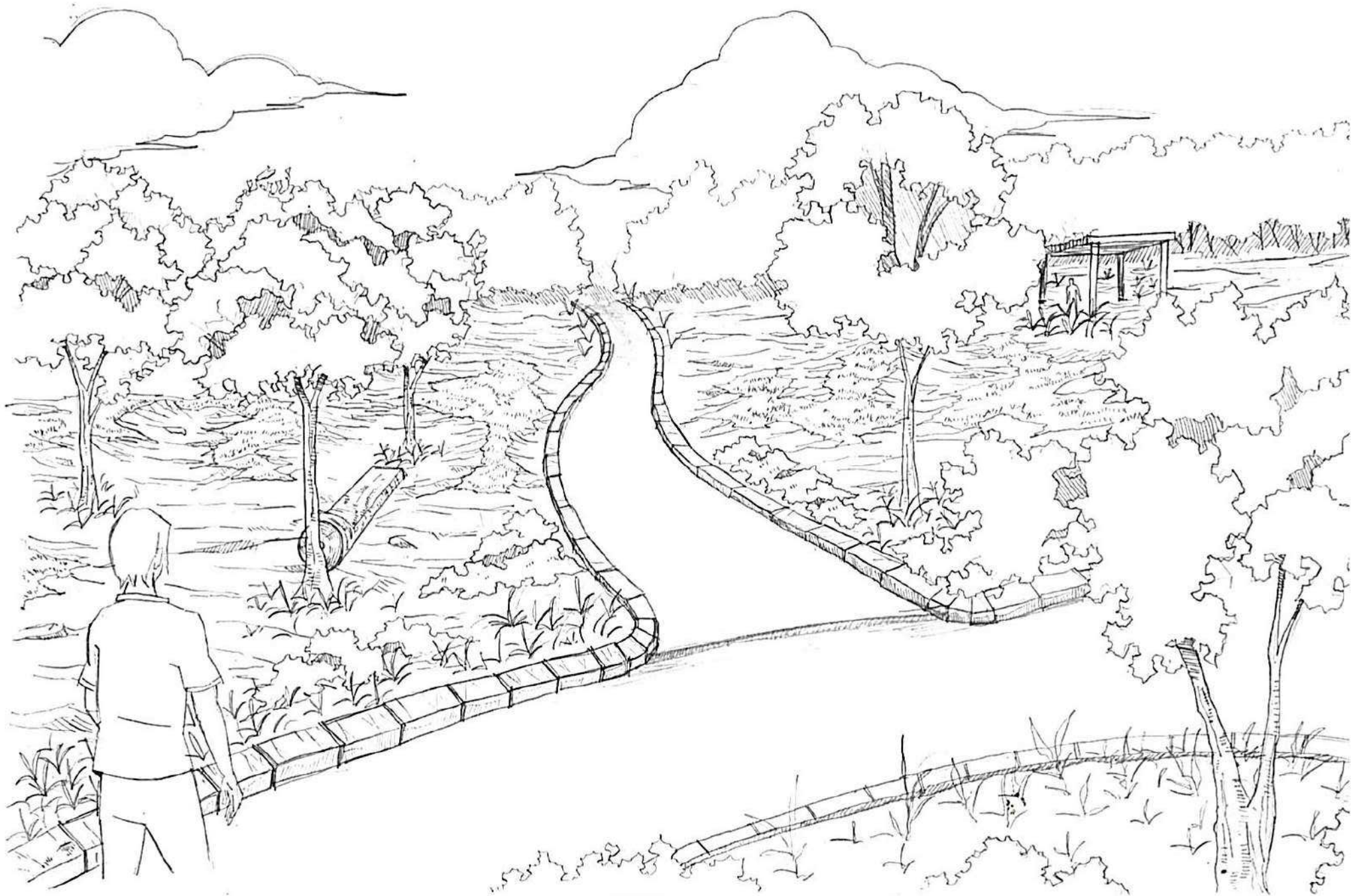
Sendo assim, a seguir será apresentado o plano de massas desenvolvido para o parque proposto, localizada no Bairro Goiá. Com o intuito de transformar não só o espaço físico, mas a percepção das pessoas diante de elementos naturais tão ricos, mas que em situação residual passam despercebidos.

Importante ressaltar que os traços lançados ao longo do projeto têm como ponto de partida o próprio espaço residual. A ideia de fazer uso de parte do traçado natural do terreno pode ser vista desde os espaços vazios emaranhados a maciços arbóreos cujas linhas de limites são aproveitadas para gerar a morfologia das praças presentes na proposta, até os pequenos ambientes criados a partir do leito dos córregos. Pontes, ilhas, estares, quase todos expressam consigo um vestígio da pré-existência do local.

A proposta em sua totalidade tem como objetivo readequar a chácara a um parque dinâmico e interativo. Em toda a sua extensão é possível perceber elementos que estimulam os sentidos. O plano de massas mostrado será o norteador para o futuro Parque Matiz de Goiás. Para melhor apresentar o projeto, o plano de massas será compartimentado em três grandes núcleos, e em cada um deles será mostrado as principais centralidades encontradas.



NÚCLEO 1 – Espaço de entrada



Arte por Carlos Augusto Inácio Teixeira



1 – Grama Japonesa



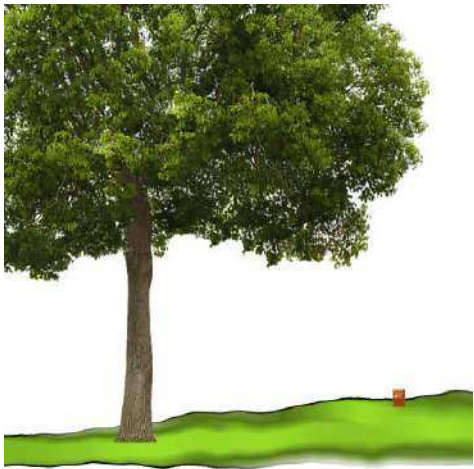
2 – Grama Santa Agostinho



3 – Morrote: Corte humanizado – Demarcação do detalhe do tijolo.



3.1 – Faixa de tijolos cerâmicos enterrado no chão.



4 – Grama São Carlos



5 – Grama Preta



6 – Praça da entrada – Piso drenante resinado



7 – Passarela de entrada a base de concreto com armações e um canteiro central com árvores de pequeno e médio porte.

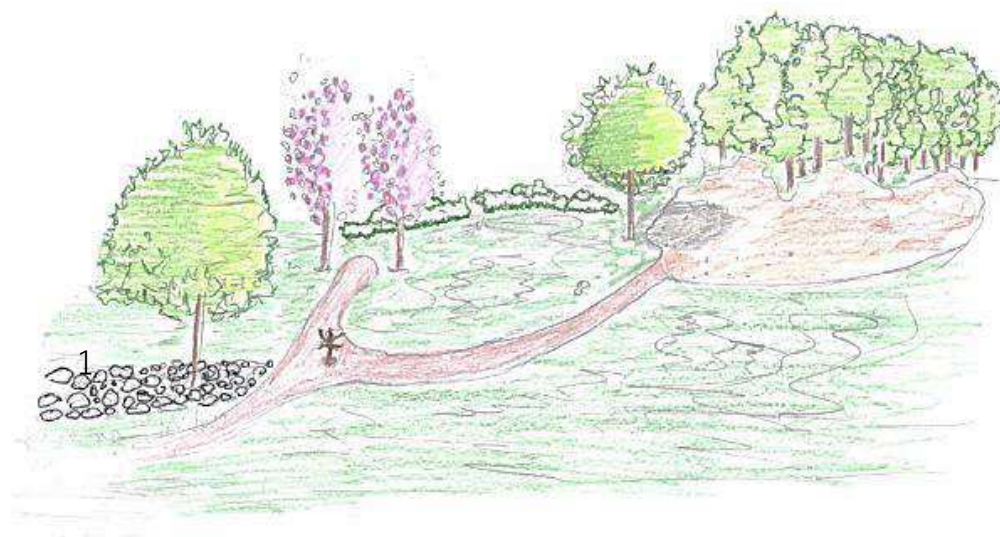


7.1 – Exemplo do material da pista.

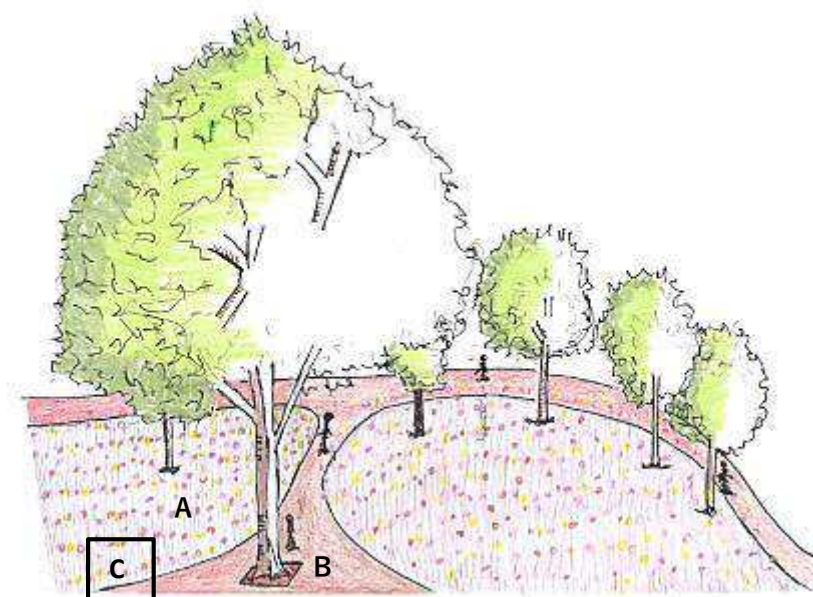




8 – Perspectiva – 1 Caminho de pedras, 2 solo cimento e 3 par de Jacarandá-Mimoso



9 – Canteiro de flores do cerrado



9.1 – Corte/colagem: Caminho de solo-cimento e canteiro de flores.





9.2 – Algumas das espécies pensadas:



Canela-de-ema



Para-tudo



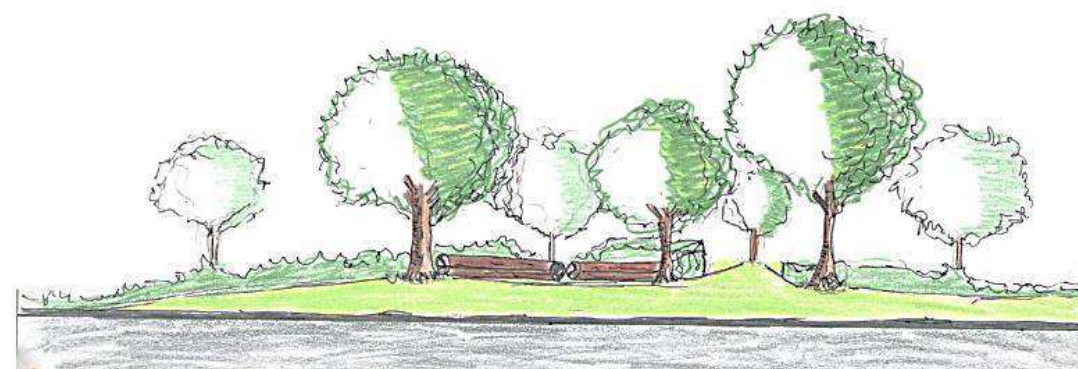
Orquídea Colestenia

8/9 – Aplicação do Piso solo-cimento:



10 – Estacionamento linear padrão com vagas de tamanho grande (2,5mX5,0m), a 90° da pista de manobra.

11 – Praça de borda: uma praça na calçada.



Além de todos os elementos já mostrados, o núcleo 1 conta com alguns detalhes em menor escala. Os bancos representados em toda a planta do projeto são os bancos artísticos de Hugo França (Figura 42), amplamente usados no Instituto de Arte Contemporânea e Jardim Botânico Inhotim.

Há também uma ligeira mudança de forração, em determinados locais do parque, com a intenção de evitar a monotonia da grama por todo o perímetro. As espécies escolhidas para os diferentes canteiros de forrações são: Grama-preta, Picão-de-praia, Ruélia-roxa, Margaridinha, Trevo-amarelo. Rosinha-de-sol, Lambari, Grama-amendoin, Verbena, Perpétua, Rosa-de-pedra, Érika, Hera, Onze-hora, Tuia-jacaré e Tapete-inglês.

Existe também um pequeno detalhe sobre o piso de solo-cimento sugerido. Todas as cores escolhidas são possíveis por serem produzidas a partir da areia encontrada no terreno. Sendo assim, todas as tonalidades de passarelas apresentadas estão com cores originárias do terreno pré-intervenção.

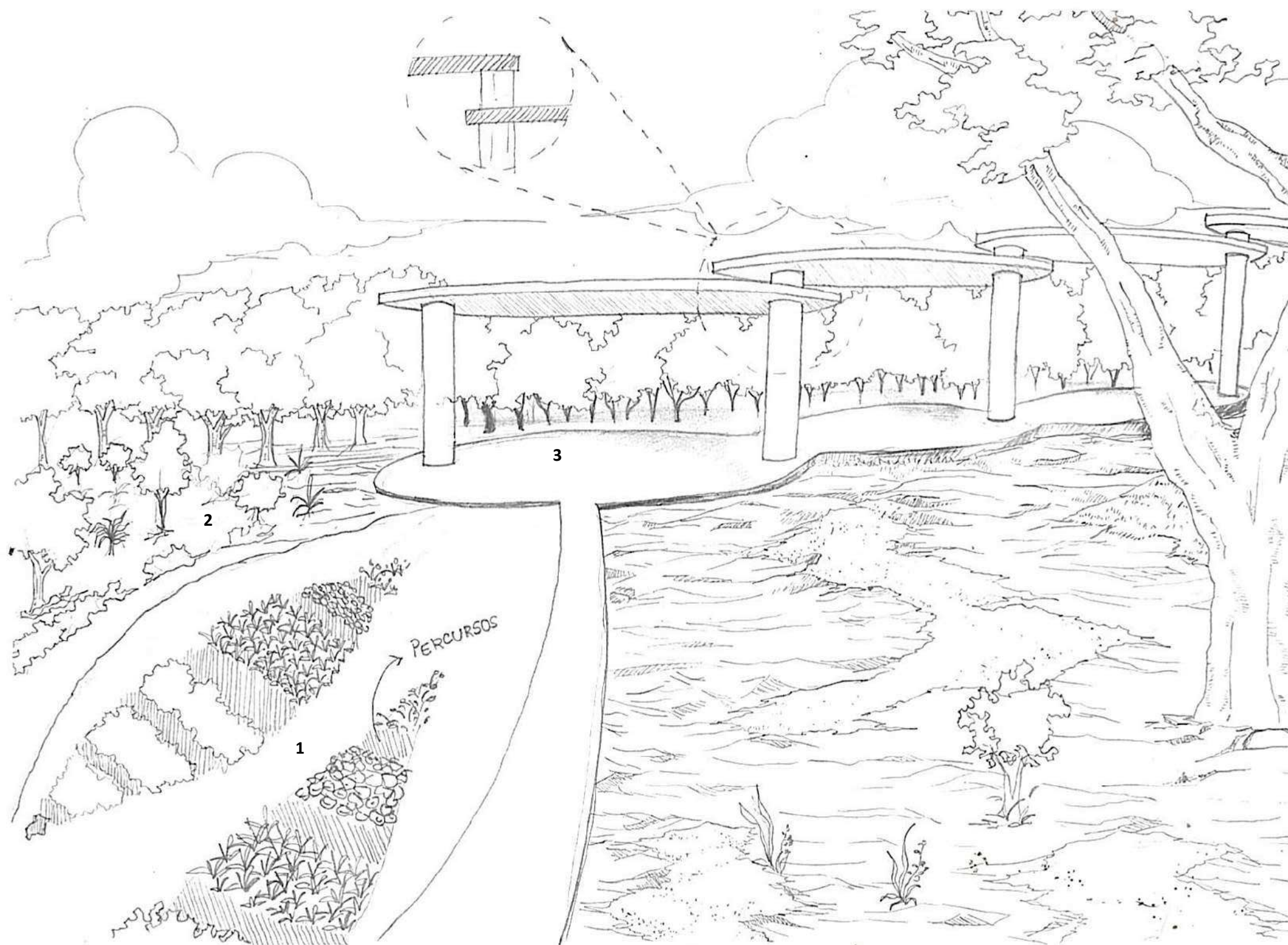
Por fim, a entrada do parque é bem marcada com dois canteiros que abrigam árvores de pequeno porte, em uma pequena praça de recepção em formato de meia lua, além de um grande flamboyant, que chamará a atenção de todos que passam pelo local.

FIGURA 42: Bancos de madeira.



Fonte: Site do instituto Inhotim

NÚCLEO 2 – ESPAÇO EXPERIMENTAL



Arte por Carlos Augusto Inácio Teixeira



1 – Canteiro para plantação de semente e mudas em fomato de folha (Vide perspectiva anterior) – Referência: Viveiro Manequinho Lopes, em São Paulo.

2 – Área para cuidados com mudas já em processo de crescimento mais avançado (Vide perspectiva anterior).



3 – Marquise com espaço para coleta de sementes. Planejada para incentivar a interação direta entre público e espaço. (Vide perspectiva anterior). Referência: Marquise do Parque Ibirapuera.

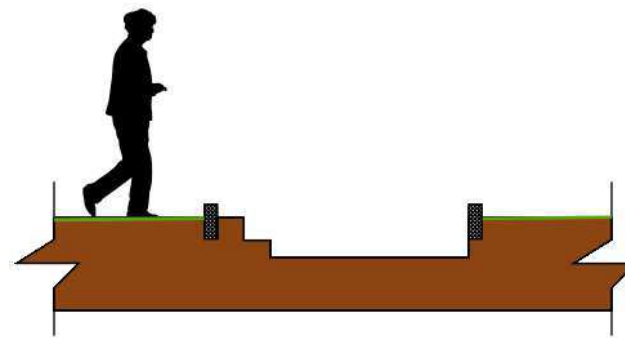


4 – Núcleo esportivo projetado com base na ausência de equipamentos do tipo na região. Quatro quadras poliesportivas juntamente com coberturas para apropriação do público.



5 – Espaço cultural do Parque Matiz de Goiás. Ambiente com obras artísticas e com área livre para apropriação.

5.1 – Marcação no chão. Caminho cavado a 0,5 metros do nível do piso e com pequenos canteiros de flores ao lado. O objetivo é proporcionar ao visitante uma nova sensação diante do espaço ao qual ele está inserido.

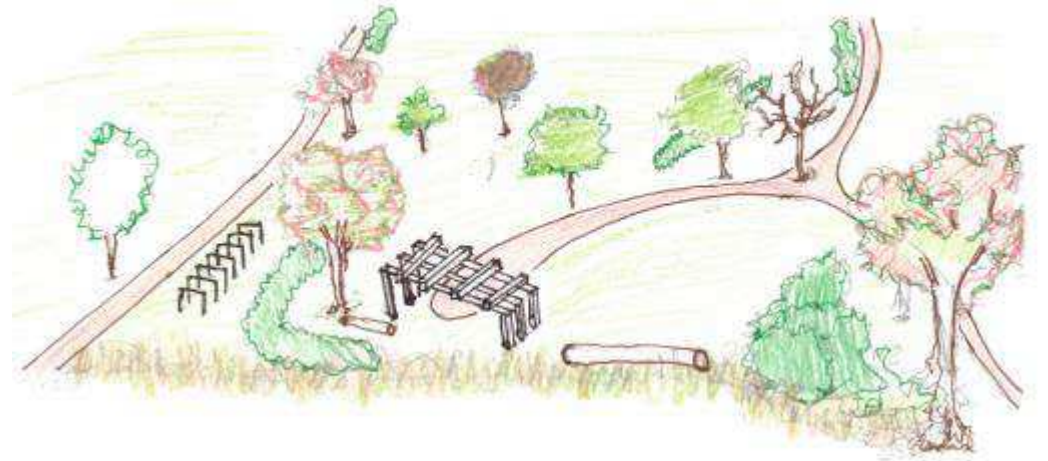


5.2 – Pequenas muretas de concretos estão dispostas neste espaço. Essas estruturas são para dar suporte a todas manifestações artísticas que irão suceder nestes espaço. Referência: Praça Universitária





6 – Trata-se do Jardim da Terceira Paisagem, como define Gilles Clément (2005). São o cultivo de espécies não originárias do bioma no qual estão inseridas. Neste conceito, o jardim proposto visa expandir e potencializar o fenômeno já iniciado no terreno.



6.1 - Algumas espécies que compõem esse espaço:



Manacá-da-serra



Magnólia



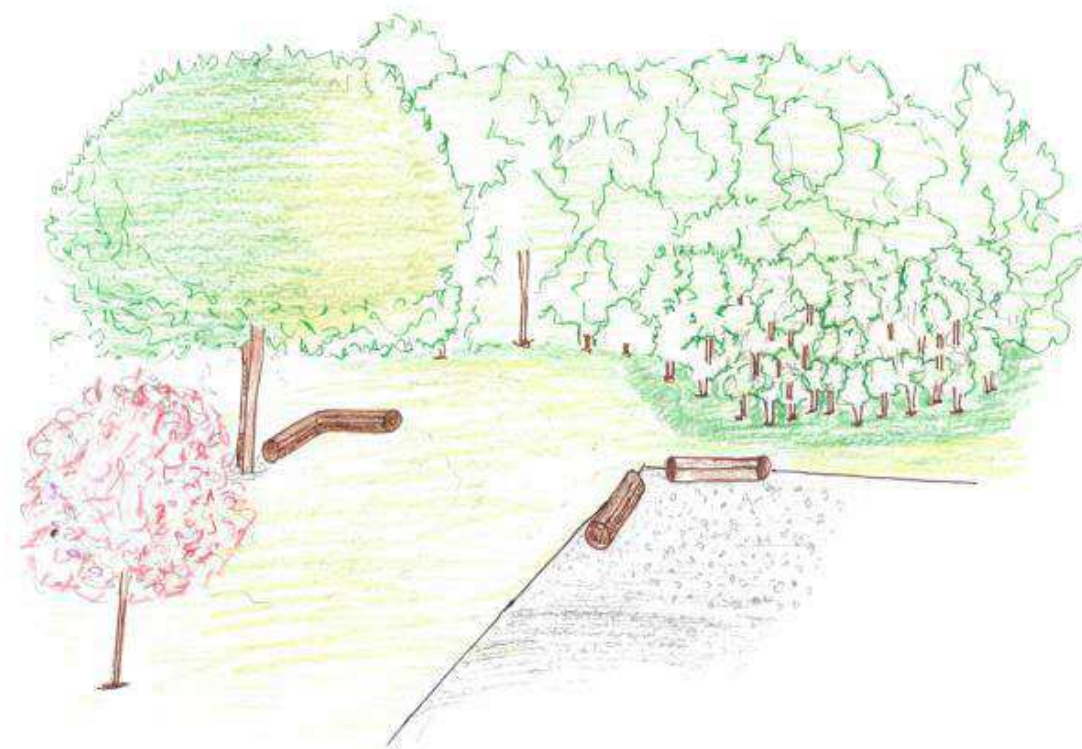
Quaresmeira



Espatódea



7 – Praça de borda com Cerradão ao fundo.



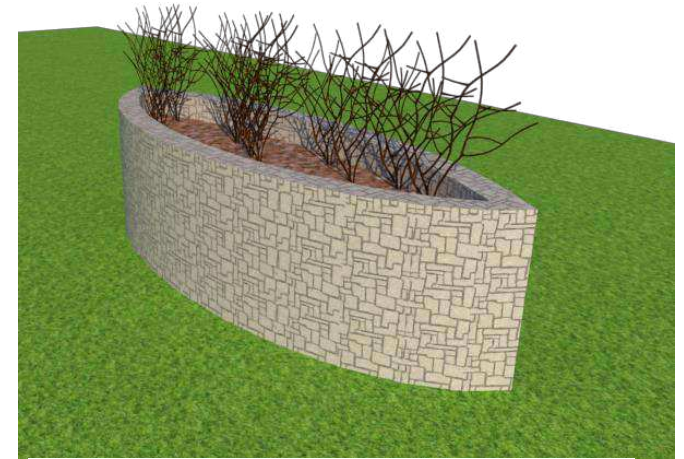
O núcleo experimental possui algumas particularidades que devem ser mencionadas. A princípio, existem estruturas de apoio as quadras esportivas dispostas em vários pontos desse ambiente. São elas coberturas de laje com formas variadas, e que em seu interior contam com bancos de maior dimensão que os convencionais, assemelhando-se ao restante do parque.

Este espaço também, assim como no restante do parque conta com algumas praças de borda, que são pequenos estares que fazem o contato direto entre o parque e a malha urbana. São pequenos estares construídos onde originalmente seriam as calçadas. A proposta busca suavizar o primeiro olhar de quem observa o parque pelo lado de fora, na intenção de instiga-lo a entrar.

Muitos dos estares propostos tem um elemento artístico voltado para a apreciação da paisagem, podem ser pergolados que se encontram com a sombra das copas das árvores, ou apenas muretas (Figura 43) que podem expor desde as flores do cerrado até galhos secos recolhidos pelo parque.

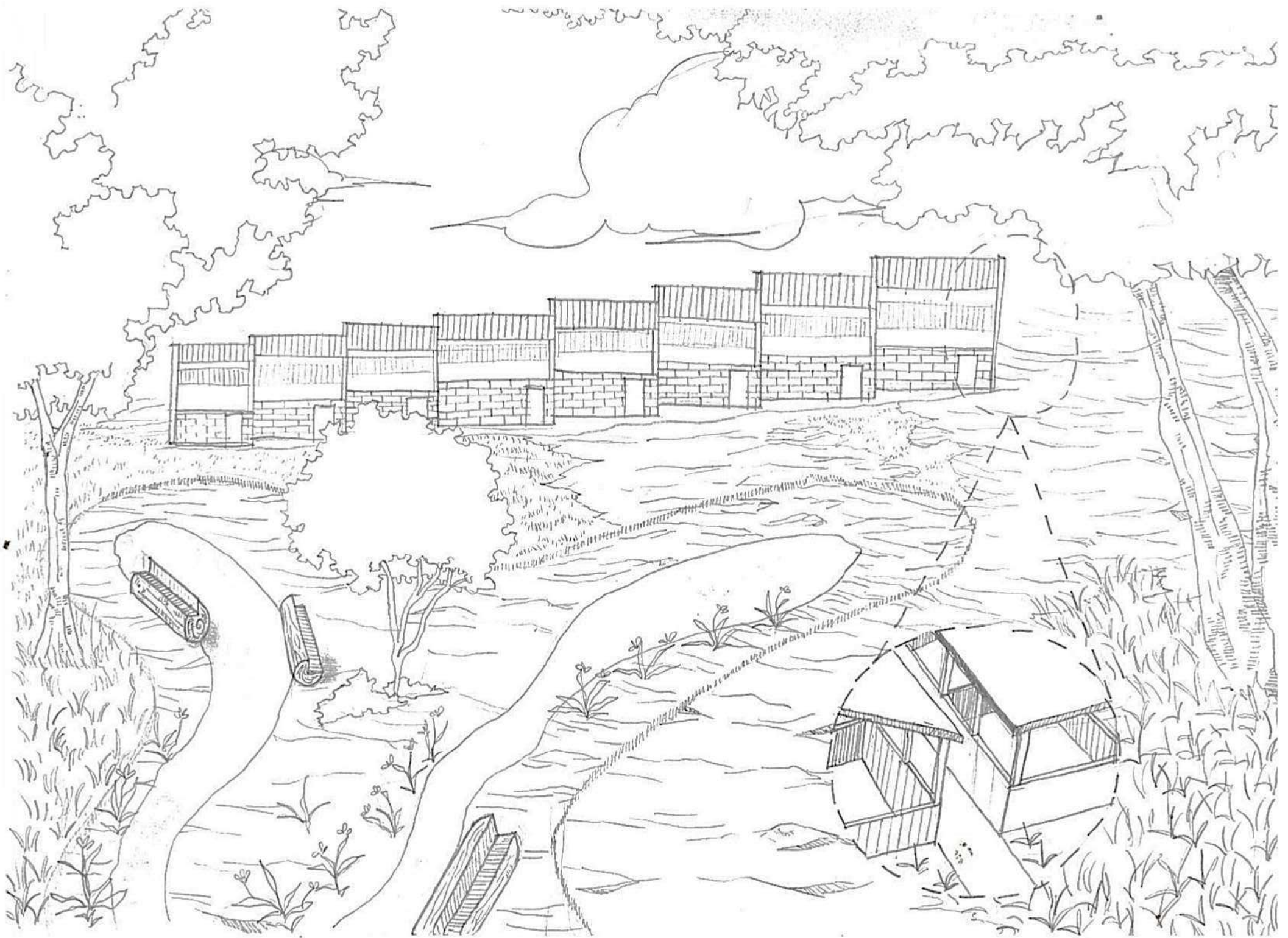
Por último, nos fundos do clube Bradesco especificamente, conta com um cinturão de rosas, que consiste em uma mureta contínua, e sua forma remete ao formato da pequena praça a qual está inserida.

FIGURA 43: Mureta com galhos secos.

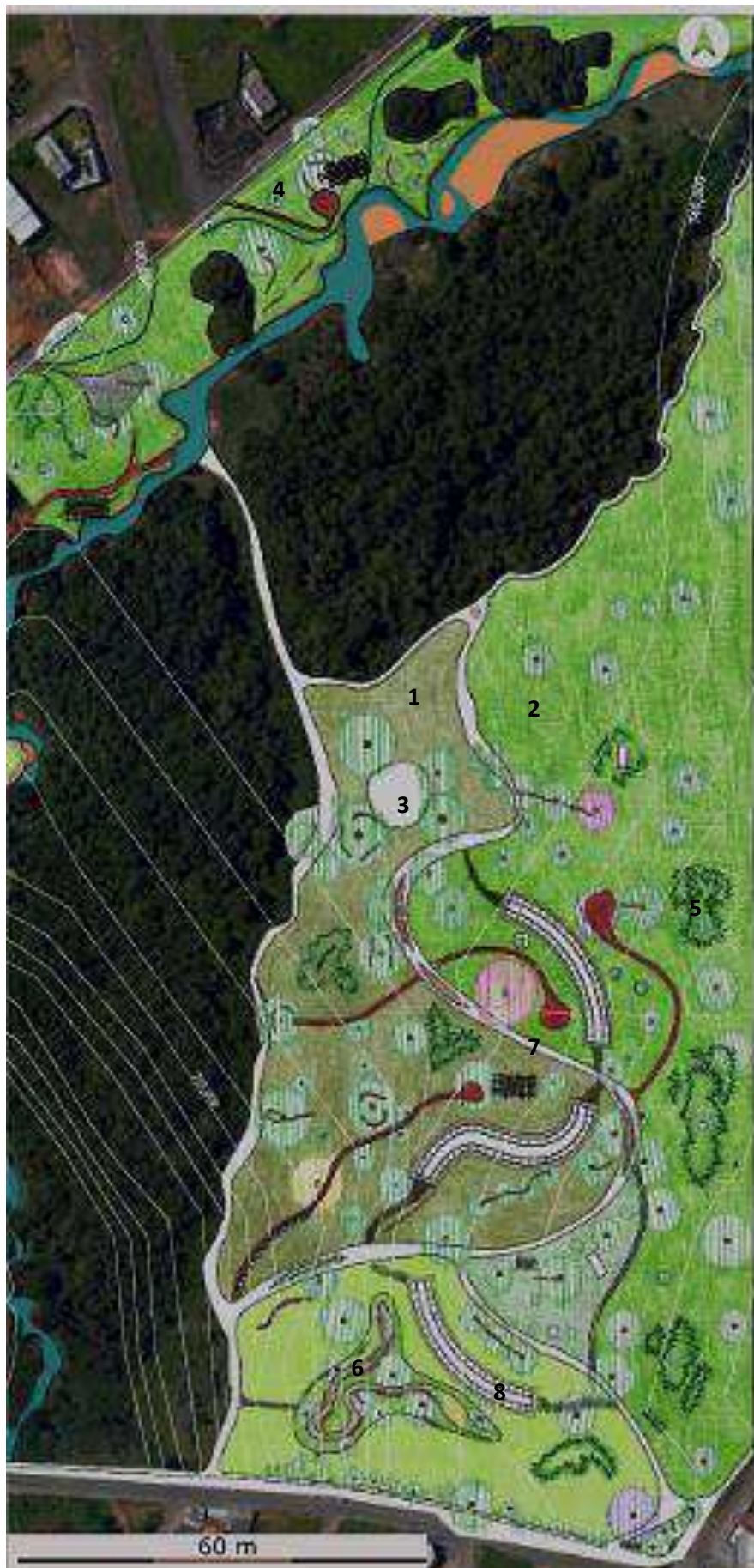


Fonte: Produzido pela autora

NÚCLEO 2 - FEIRA



Arte por Carlos Augusto Inácio Teixeira



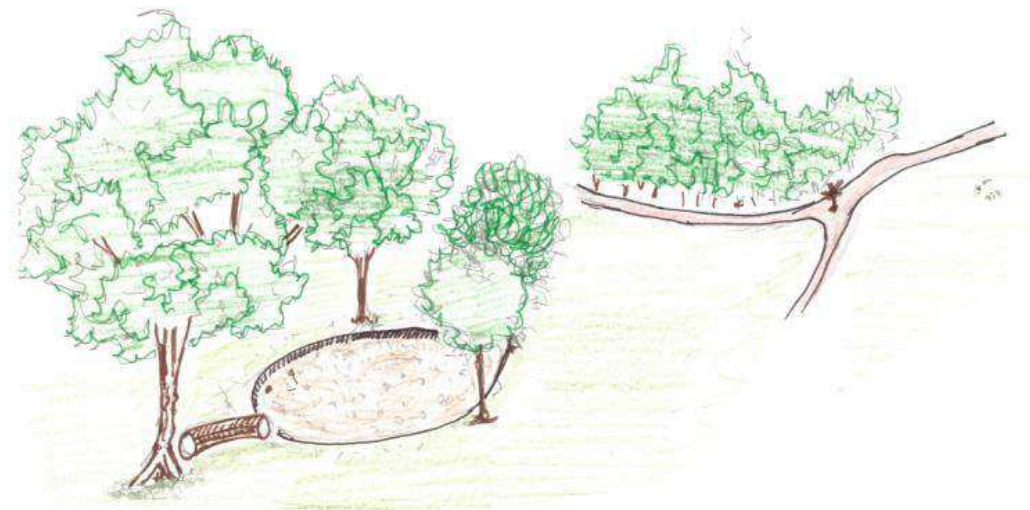
1 – Grama Santo Agostinho



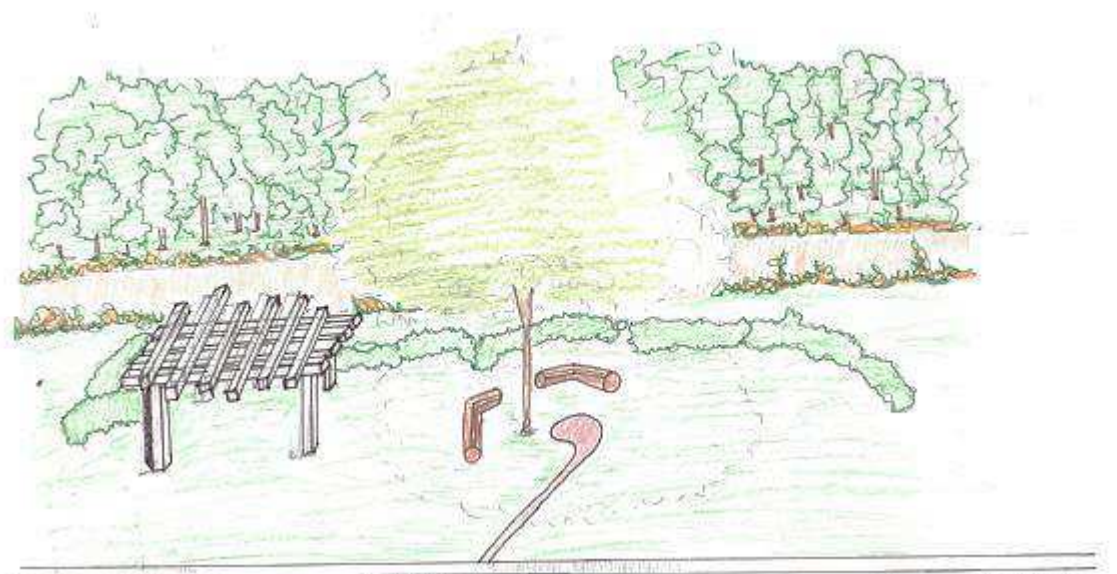
2 – Grama Japonesa



3 – Reserva de Folhas secas - Perspectiva



4 – Praça de borda - Perspectiva

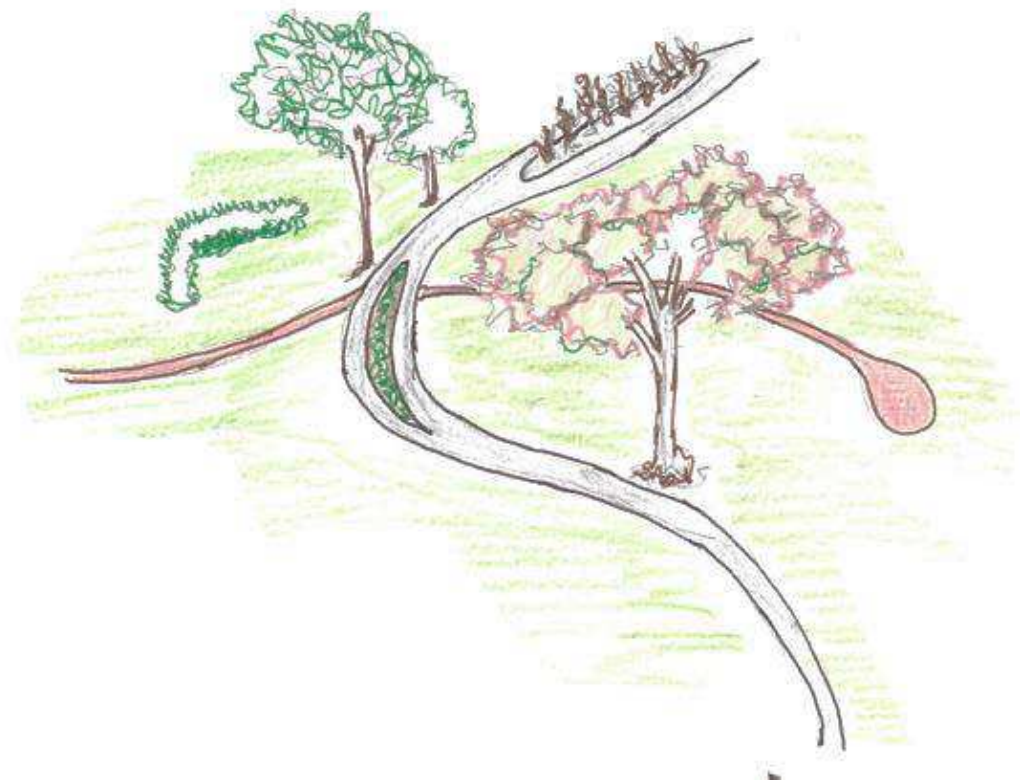


5 – Ilha de arbustos



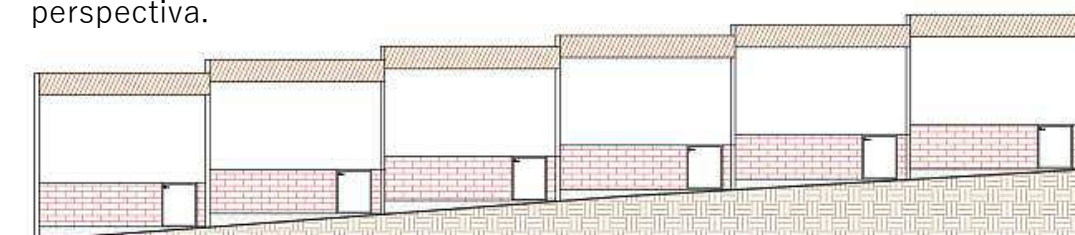
6 – Banco de areias (Vide Perspectiva anterior).

7 – Pista com canteiro de arvores secas central – perspectiva.





8 – Pista com canteiro de arvores secas central – perspectiva.



No núcleo da feira, para além de haver um espaço reservado para o recolhimento de folhas secas, há também uma área para compostagem discreta, afastada e protegida em meios a arbustos.

Como se trata da área de maior fluxo do projeto, este espaço também conta com um pequeno playground na sua entrada, além de que neste espaço os pisos e forrações variam bastante. Todos os elementos dispostos de forma a dinamizar o espaço e potencializar ainda mais a sensação de movimento.

A feira, enquanto objeto singular, também possui detalhes a destacar. A estrutura está implantada sobre um pequeno desnível do terreno, o que permitiu escalonar a bases para os quiosques enquanto que a pista central passou a ser uma rampa, com uma inclinação de cerca 3%.

Há também um banco de areias que, que consiste no recolhimento e armazenamento de amostra de todas as tonalidades de areias presentes no terreno,

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A princípio, objetivo do trabalho era chegar a um projeto de requalificação para a chácara residual que desse suporte ao entorno periférico, ao qual está inserida. Ao longo de toda a análise foi constatado que às carências da região oeste e do Bairro Goiá não eram apenas físicas, como falta de estrutura ou equipamentos. Esta região necessita de uma readequação físico-social que compreenda o entorno diversificado e as diferentes realidades sociais percebidas.

Diante disso, entendo que o objetivo foi alcançado. O macrozoneamento foi elaborado com base em muitas análises e visitas ao local, na intenção de incorporar a quantidade necessária de informações para traçar o perfil de cada parcela da região, e assim, determinar quais as necessidades prioritárias de cada uma.

O produto projetetual gerado a partir das conclusões das análises feitas, é uma ação que se repete também na etapa de aproximação com a chácara do Bairro Goiá. Com um apanhado de informações consistentes recolhidas no primeiro Trabalho de Conclusão de curso, foi possível entender as dinâmicas ambientais dispostas no terreno, elementos naturais a serem preservados e onde intervir. Todos os critérios resultantes de uma pesquisa bibliográfica, onde foi possível classificar o local como espaço residual, com potencialidade a três intervenções principais. Parque, praça e feira.

A proposta final consiste em um plano de massas produzido para ser o coração da região oeste, visando alavancar o fluxo de pessoas e aproximar a periferia das centralidades as quais não existe acesso facilitado. O projeto abrange espaços esportivos, culturais, de interação, comércio e apreciação. Desde ambientes calmos e de repouso a espaços planejados para receber grandes públicos, como a área da feira.

Com as nuances do processo criativo em junção com os resultados das análises de lugar, o objetivo final passou a ser a readequação da chácara com foco na aproximação público-espço. Muitas das problemáticas observadas se davam pela não percepção do local por parte do público do entorno. Até então, sua única função aos olhos dos moradores era a de ser um depósito de lixo, ignorando toda a potencialidade contida nos elementos naturais pertencentes a chácara.

Diante dessas circunstâncias, o Parque Matiz de Goiás tem como principal atributo a dinâmica e complexidade dos ambientes desenvolvidos para o mesmo. Todos trazendo referências diretas ao terreno em sua configuração original, mas com intervenções que atraíam os olhos do público alvo para o local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KLIASS, Rosa. Desenhando Paisagens , Moldando Uma Profissão. 2ª Ed. São Paulo: Editora Senac, 2006.

EDWARD, Hutchison. O Desenho no Projeto da Paisagem. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, SL. 2012

CLÉMENT, Gilles. Manifeste du tiers paysage. Paris: Sujet/objet, 2004.

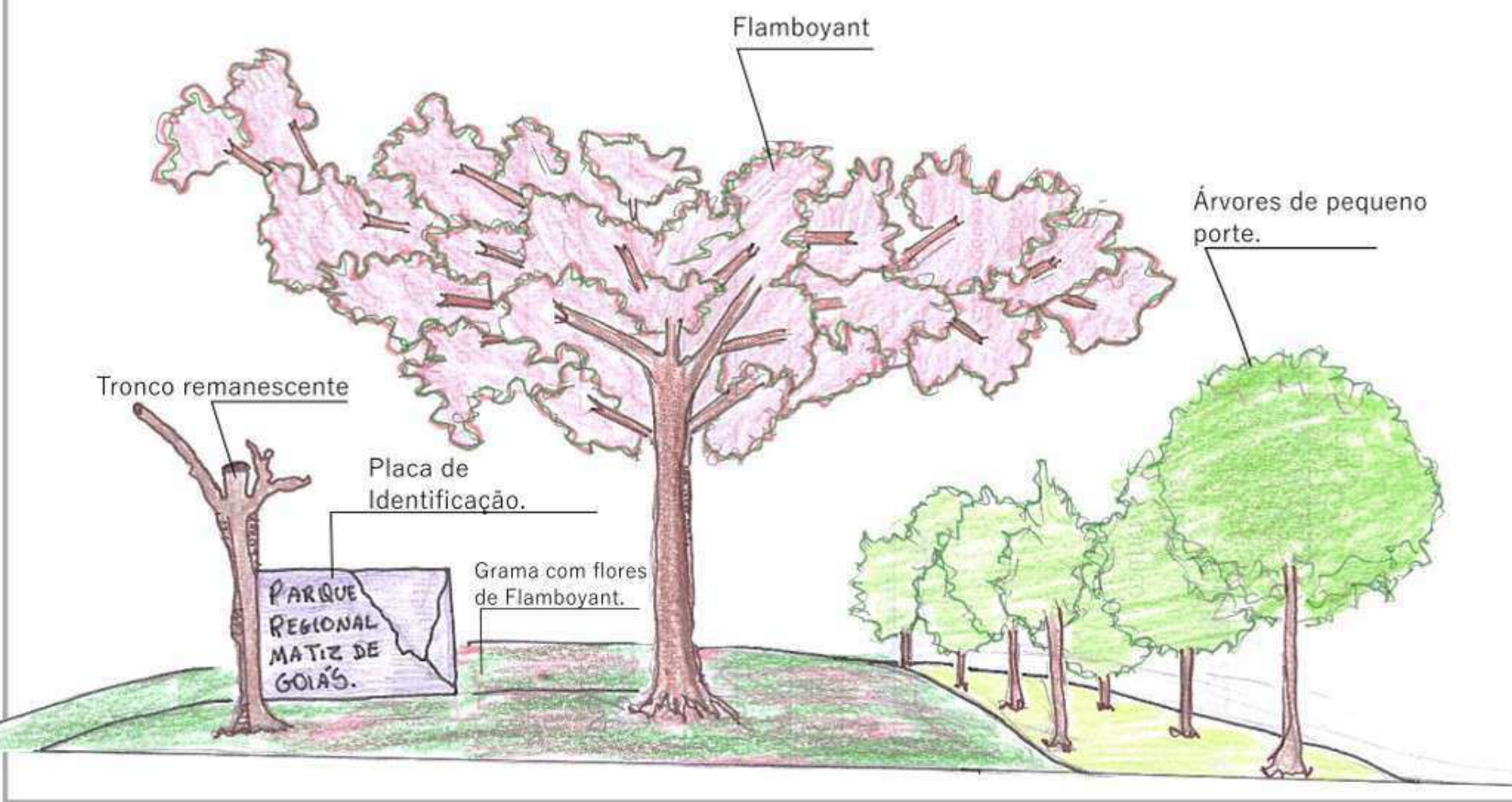


1 - PARQUE MATIZ DE GOIÁS - ENTRADA.

A entrada é marcada com dois componentes principais. O primeiro elemento a ser percebido é um flamboyant frondoso, com copa grande, larga e vistosa que atrai a atenção de quem passa pela parte externa do parque. Este exemplar arbóreo entra em contraste direto com um tronco seco, reliquo, ainda em pé neste mesmo espaço da chácara.

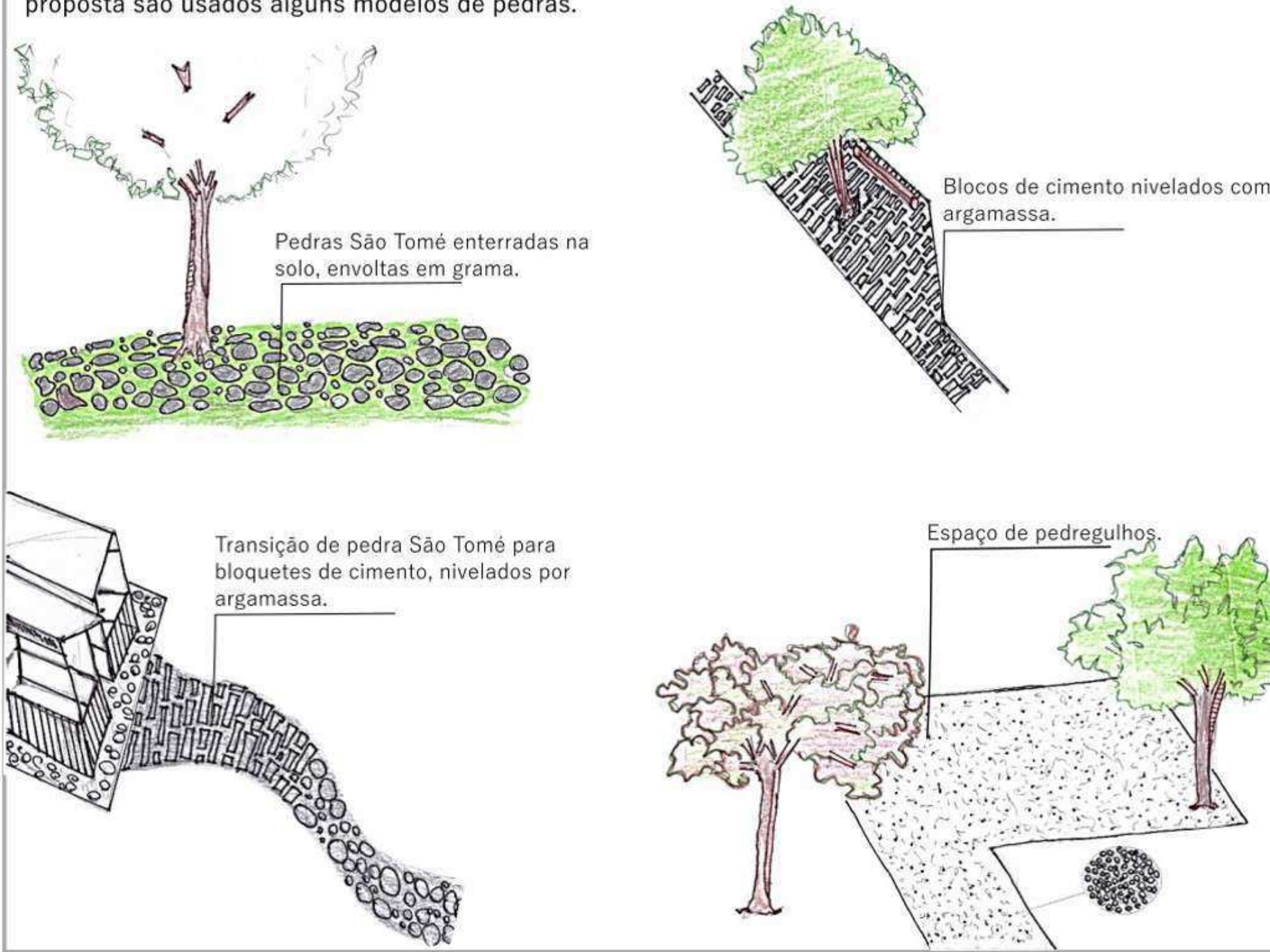
A placa de identificação do parte está alinhada a um tronco morto, remanescente da antiga configuração do terreno. A Proposta principal se alinha ao conceito aplicado desde o início do trabalho, de percepção, gular o olhar do observador de tal modo que os elementos naturais que compõem a paisagem sejam percebidos e admirados, hábito pouco recorrente na atualidade.

Estes itens de composição expõe a importância de alinhar novos componentes do projeto com os elementos remanescentes da chácara, respeitando a história do lugar e da relação que a chácara tem com os moradores.



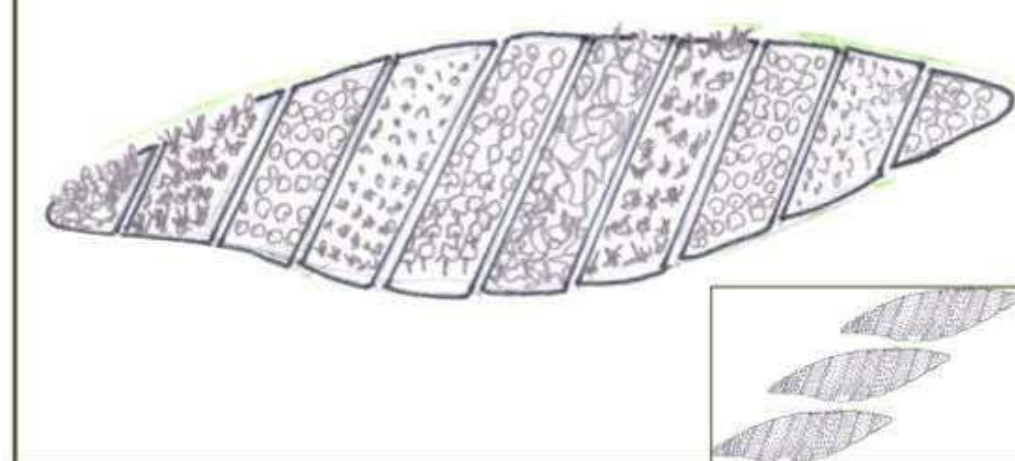
2 - O USO DE PEDRAS DENTRO DO PARQUE:

No interior de todo o perímetro do projeto, há diversos tipos de pisos. Esses variam em formato, inclinação (ainda que mínima) e materialidade. Um material recorrente na proposta é o uso de pedras e pedregulhos, em seus diversos formatos. Como uma alternativa para preservar parte dos elementos naturais encontrados na região e dar ênfase as várias possibilidades de uso deles, em vários pontos da proposta são usados alguns modelos de pedras.

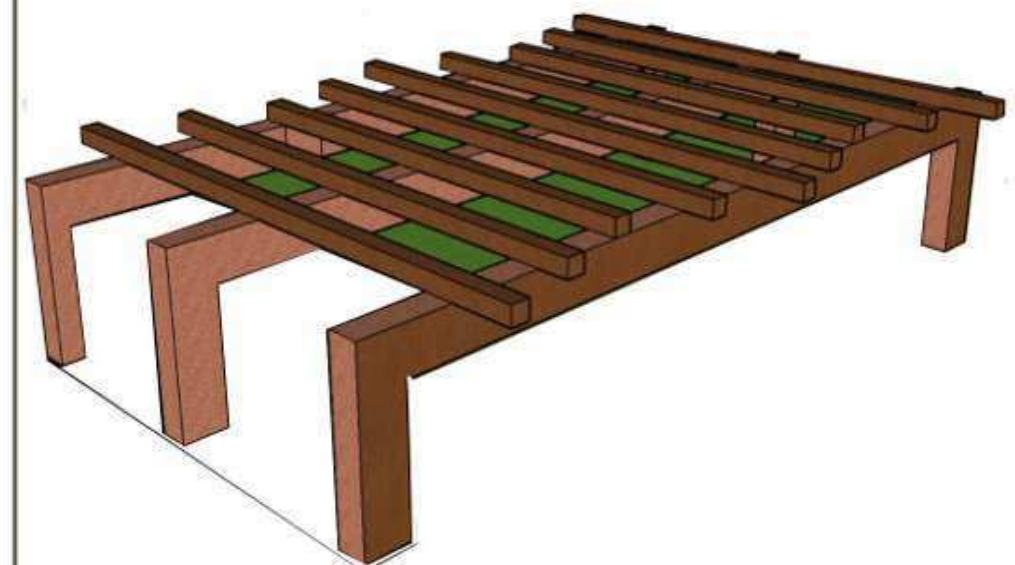


3 - ELEMENTOS SINGULARES DO PARQUE

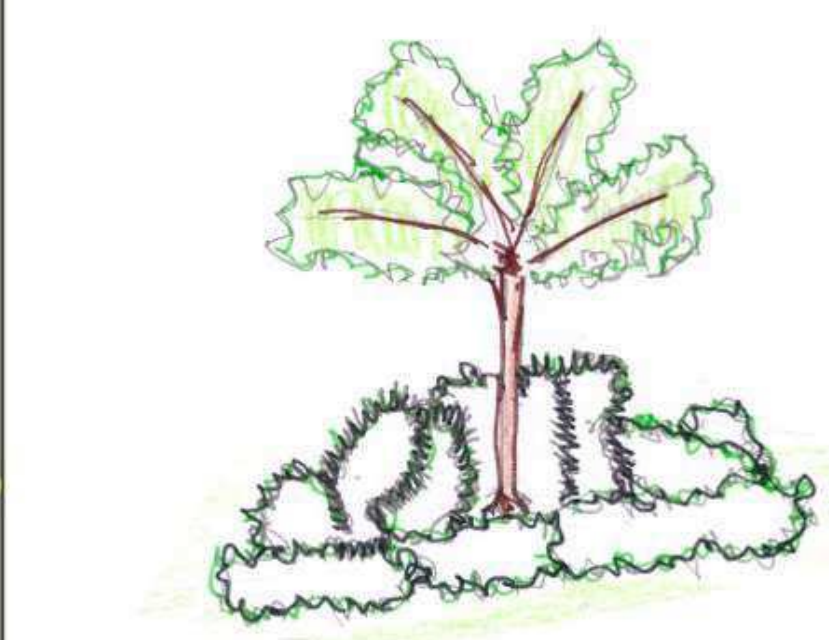
A - Forma do canteiro de cultivo.



B - Pergolado



C - Ilha de arbustos.



ELEMENTOS DE COMPOSIÇÃO DA PAISAGEM DO PARQUE.

A - Trata-se de umas das "folhas" que integram o espaço para plantio e cultivo de espécies do parque. O formato singular se dá por uma opção estética e acaba por complementar a forma da maquiagem, que se encontra próxima ao local.

B - Pergolado com peças superiores em diferentes tamanhos. Equipamento espalhado por todo o parque, ainda que com variadas dimensões, mas que mantem o mesmo molde.

C - Ilha de arbustos. Elementos formado por arbustos de pequeno e médio porte, com uma árvore esbelta central, fazendo da vegetação uma obra arte de grande proporção. A intenção é potencializar o interesse em todos os atributos naturais mencionados no projeto.

O PARQUE MATIZ DE GOIÁS

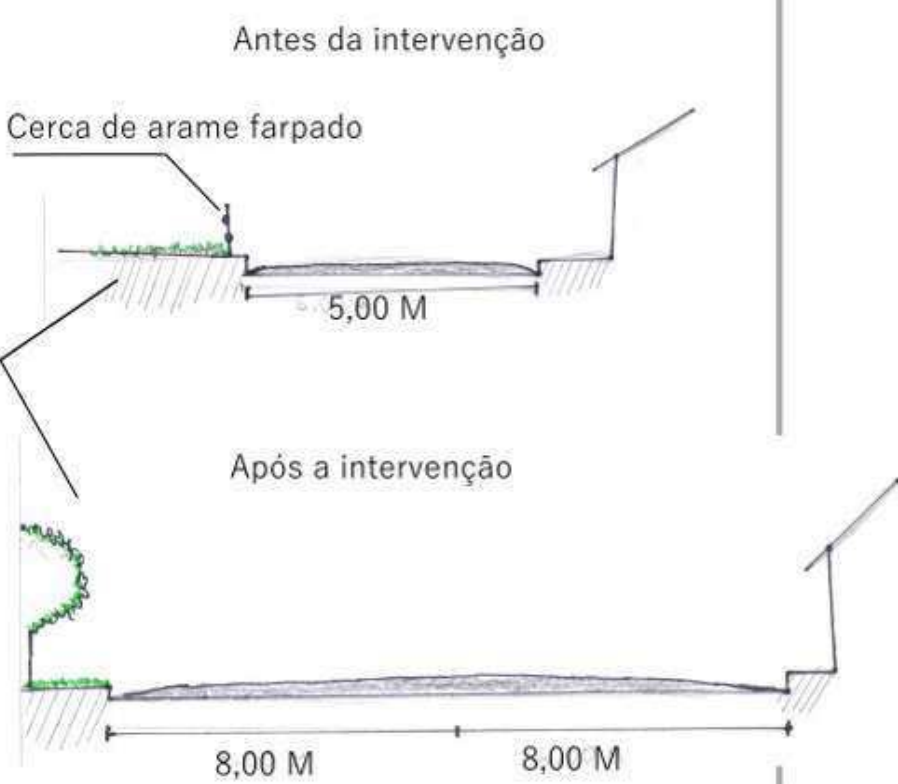
A intenção do projeto é trazer para a população local, principalmente a que reside no Bairro Goiás, melhor qualidade de vida através de equipamentos urbanos. A região é predominantemente residencial e carente de espaços públicos planejados. A primeira intervenção ocorre fora do parque, com o alargamento da rua G-06, via perpendicular ao resto das ruas G's que atualmente conta com uma largura que não atende sequer ao fluxo atual. Prevendo um aumento considerável do fluxo viário nesta rua, o projeto visa ampliá-la para os dois sentidos, aumentando sua largura.

Para dentro dos limites do parque, há ambientes diversos, construídos a partir de elementos que já existiam que foram preservados ou foram modificados de alguma maneira, sempre com a intenção de regatar uma sensibilidade nostálgica do que era a chácara, juntamente com o que ela passou a ser, após o projeto.

O ponto inicial era compreender quais elementos deveriam, a princípio, serem preservados. Diante de análises do terreno e do entorno, os principais atributos a serem salvaguardados eram a mata de dimensão florestal (Cerradão) e os cursos hídricos (Córrego Santa Rita e Taquaral).

A partir desta conclusão, os itens a serem acrescentados foram propostos para auxiliar na contemplação e na interação com o espaço na sua totalidade, principalmente com os componentes remanescentes da chácara.

Existem desde espaços de contemplação com fluxo baixo de pessoas, até área com circulação intensa de visitantes. Espaços para interação direta como a área de viver e as trilhas, e espaços para atividades físicas e culturais, como o núcleo esportivo proposto.



Necessário colocar que o projeto tem como objetivo principal suprir a carência de espaços que incentivem o lazer e a cultura, a interação, o diálogo e a troca, nesta região. A escassez de equipamentos que possibilitam a melhora da vivência pessoal com a cidade, torna a vida mais passível e estressante, o que é uma situação até comum em periferias e bairros menos abastados.

Tentar equipar estas regiões com o mínimo de dignidade, especializada em equipamentos que demonstrem aos moradores que eles também importam, e que a experiência deles também deve ser considerada no planejamento urbano/paisagístico das cidades, é o primeiro passo para planejar espaços de qualidade.

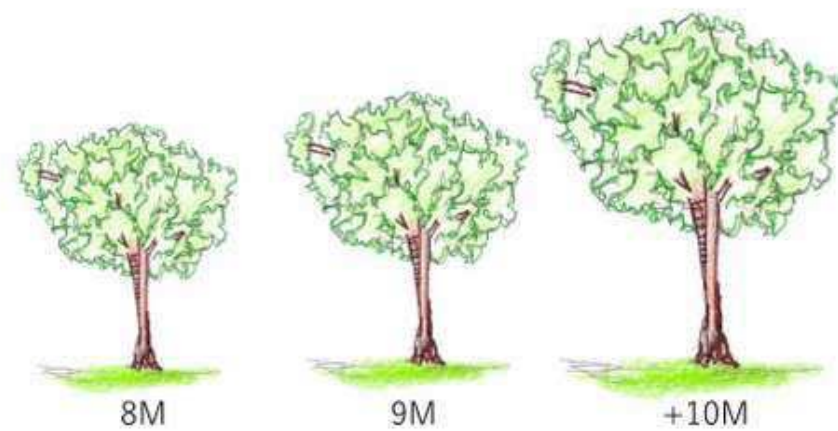
ESPÉCIES ARBÓREAS:

Há inúmeras variações entre as copas e os portes dos exemplares arbóreos propostos. O propósito é expor o Bioma do Cerrado em sua totalidade explorando os diversos formatos e espécies que ele abrange.

Com isso, disponho aqui algumas das espécies pensadas.

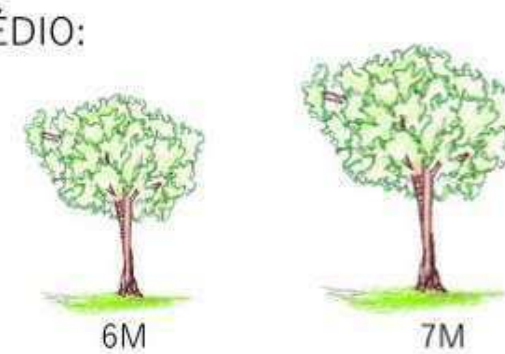
ALGUMAS ÁRVORES DE PORTE GRANDE:

- Pau-Marfim
- Sucupira Preta
- Faveiro do Cerrado
- Pau-Santo
- Vinhático
- Sucupira Branca.



ALGUMAS ÁRVORES DE PORTE MÉDIO:

- Maria Pobre
- Mutamba
- Açoita-Cavalo
- Canzileiro
- Tinguí



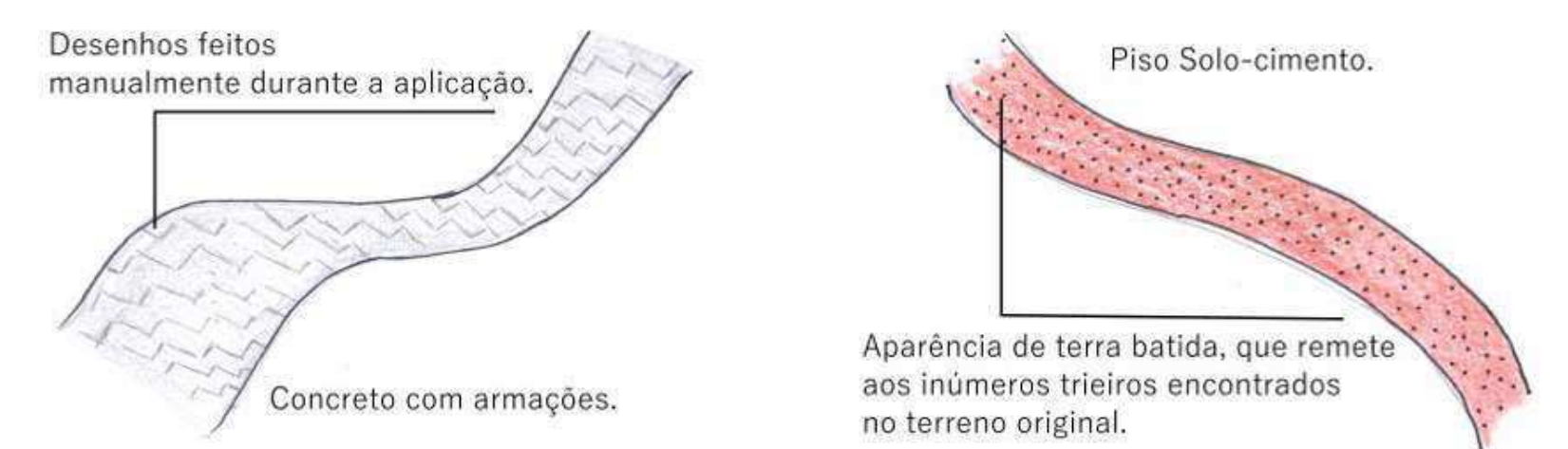
ALGUMAS ÁRVORES DE PORTE PEQUENO:

- Pequizeiro
- Angico
- Balsamo
- Baru
- Dedaleira



4 - PISOS

Ao longo de todo o percurso do parque, há a dois tipos de pisos que predominam o perímetro. A materialidade dos pisos que compõem as maiores e principais pistas são o concreto com armações e o piso solo cimento.



ARBUSTOS

Outra característica do projeto, é a questão de se abrir para o público de todas as direções. Não existem divisões sólidas com urbanidade. Todas as separações são compostas de arbustos, formando uma enorme cerca viva envolta do parque.

Foram selecionadas algumas espécies de arbustos para compor os ambientes não apenas como separação mas como item estético também, já que no interior do parque existem também maticos compostos por arbusto que ajudam a moldar a paisagem.

ARBUSTOS PEQUENOS:
Buxinho
Dracena arbórea
Clusia

ARBUSTOS MÉDIOS:
Azaleas
Bela Emília
Crótão Amarelo

ARBUSTOS GRANDES:
Dracena Pleomele
Eugênea
Espirradeira

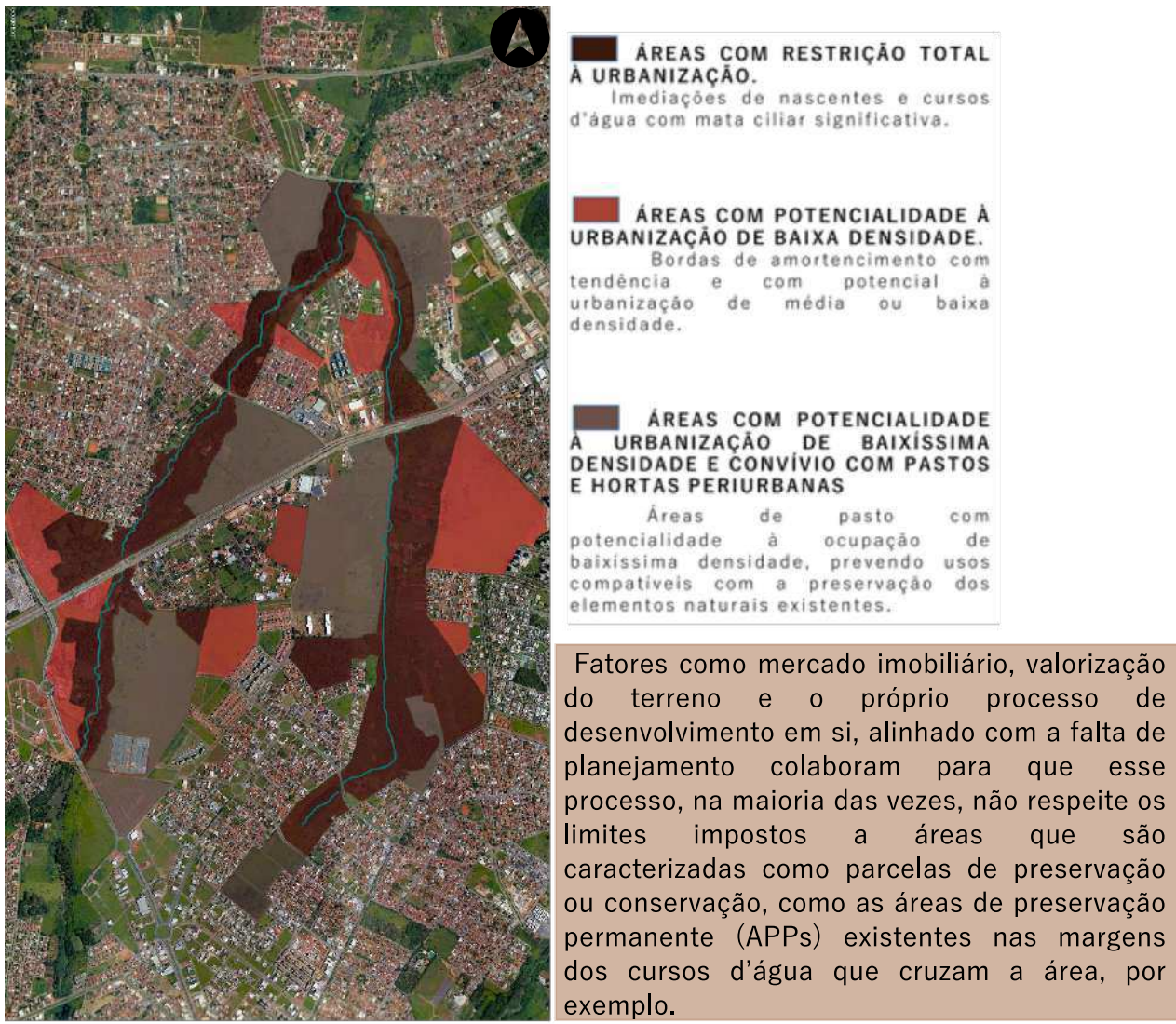
PARQUE MATIZ DE GOIÁS



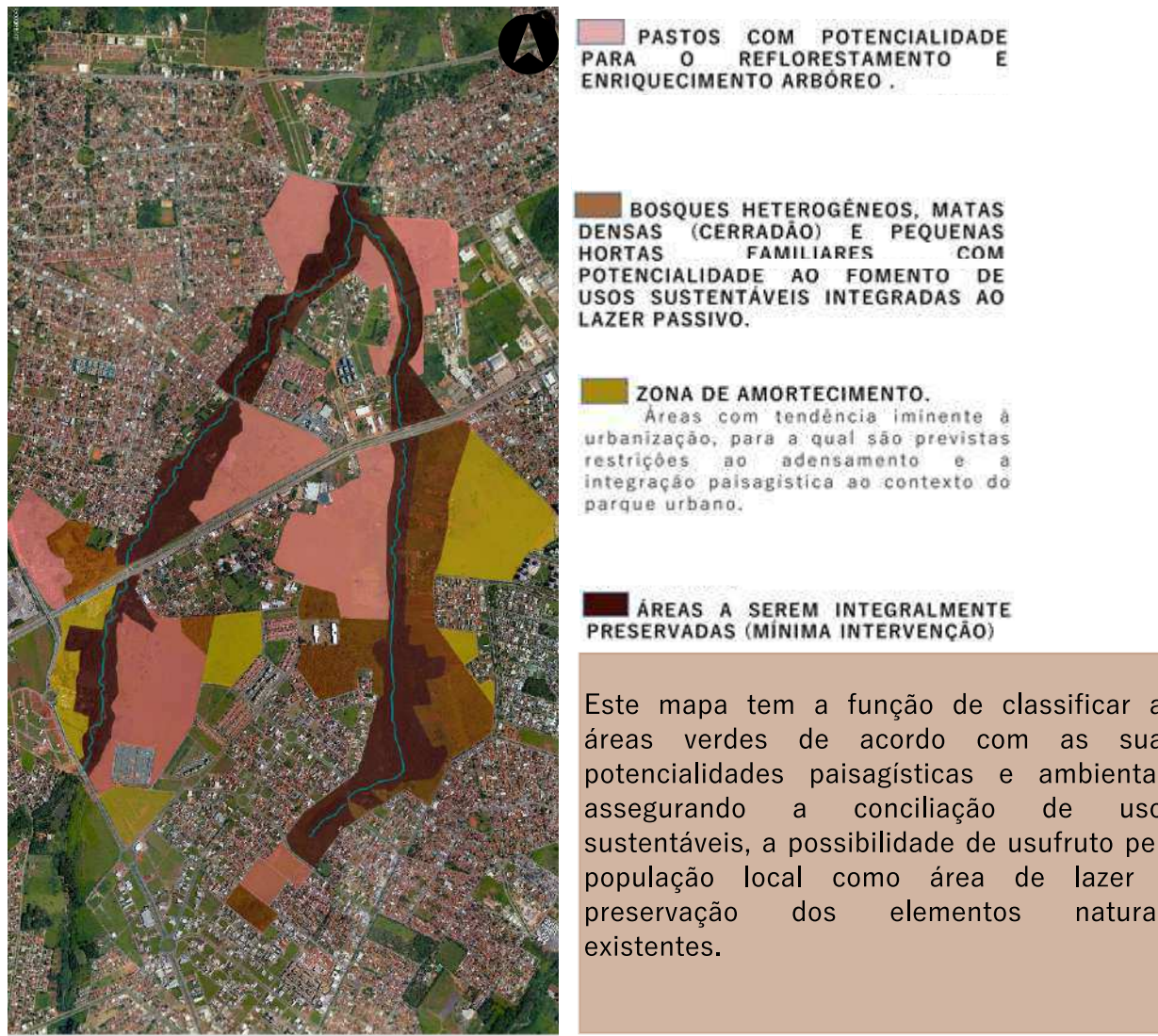
Autora: Thais Gomes Ribeiro da Silva
Orientador: Arthur Simões Caetano Cabral

PLANO DE MASSAS

Zoneamento a partir do nível de pressão que as áreas sofrem para serem urbanizadas.



Zoneamento a partir da visão de preservação ambiental



Macrozoneamento Definido - Núcleo Vereda dos Buritis



A parcela em questão faz parte do perímetro ainda em processo de ocupação e estruturação. Nesta região ainda há muitos lotes vagos e grandes extensões de terras sem uso apropriado. É a zona mais afastada do centro, dentro da região oeste, e carece de equipamentos culturais, esportivos e de lazer

Macrozoneamento Definido - Núcleo Solange Parque



O núcleo Solange Parque já apresenta condições melhores de infraestrutura urbana. Com parte do setor situado rente a uma rodovia de movimento intenso, esta região ainda lida com a premissa de estar afastada do centro, mas a porcentagem de ocupação quase alcança a sua totalidade.

Macrozoneamento Definido - Núcleo Bairro Goiá



A região onde se situa o Bairro Goiá é intermediário em termo de distancia com as facilidades centrais, entretanto, ainda deve ser lido como periférico, e compartilha das mesmas necessidades apresentadas nos outros núcleos. O bairro ainda carece de espaços de qualidade que tragam a vivência urbana para os moradores da localidade.

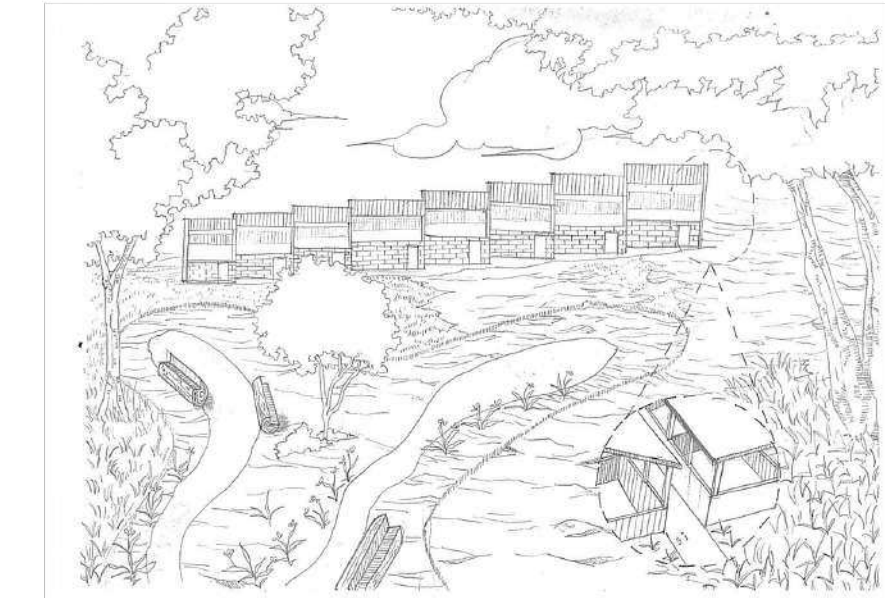
Macrozoneamento Definido - Núcleo Grandville



Esta é a parte mais estruturada e abastada de toda a região estudada. Em pleno processo de verticalização, conta com condomínios fechados, shoppings centers e um vasto e variado comércio ao pé dos moradores locais. Características que não cooperam para o diálogo com as outras regiões.

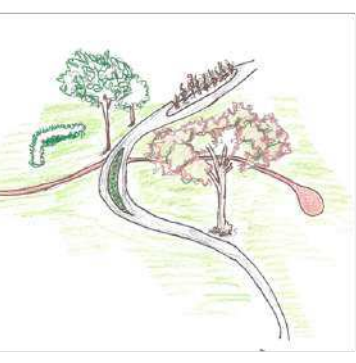


Núcleo Feira - Banco de areias e estrutura da feira

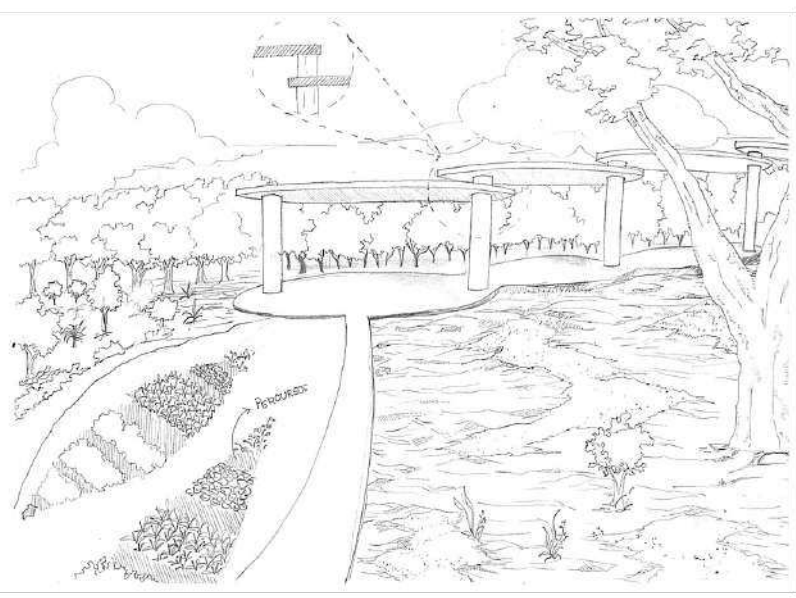


CONCLUI-SE QUE...
O projeto tem como objetivo principal suprir a carência de espaços que incentivem o lazer e a cultura, a interação, o diálogo e a troca, nesta região. A escassez de equipamentos que possibilitam a melhora da vivência pessoal com a cidade, torna a vida mais passável e estressante, o que é uma situação até comum em periferias e bairros menos abastados.

Pista com canteiros Núcleo Feira



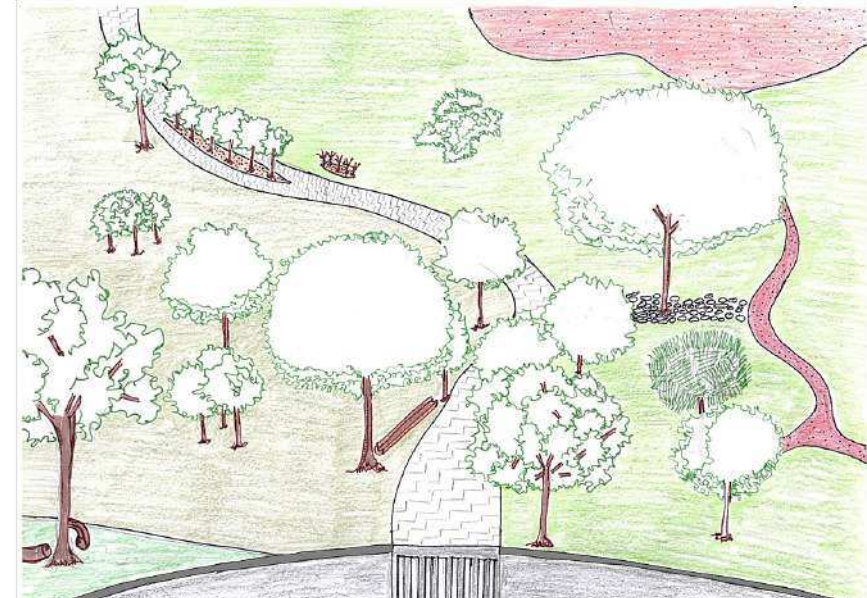
Núcleo Experimental - Viveiro e marquise



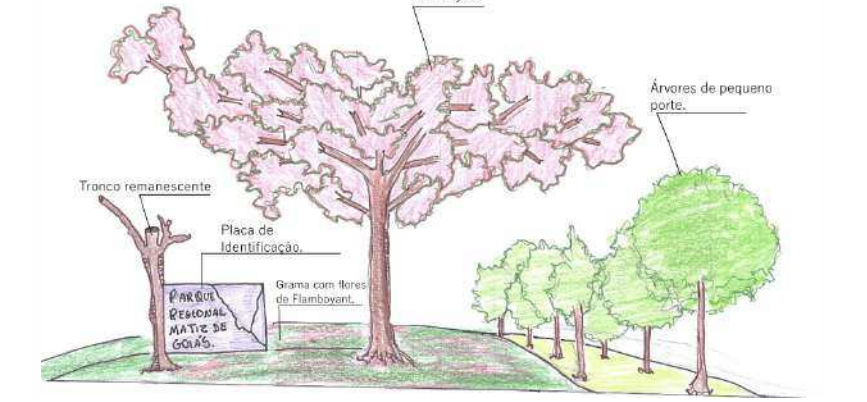
Núcleo Experimental - Jardim da Terceira Paisagem



Núcleo de entrada - Pista principal



Entrada principal



Situação atual da área

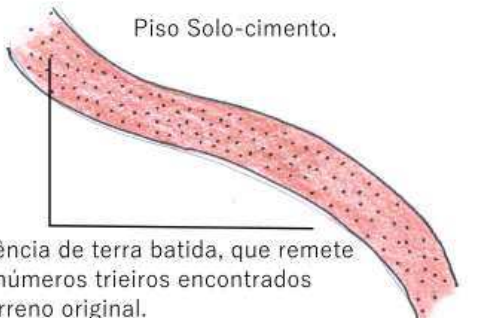


PISOS

Ao longo de todo o percurso do parque, há a dois tipos de pisos que predominam o perímetro. A materialidade dos pisos que compõem as maiores e principais pistas são o concreto com armações e o piso solo cimento.



Concreto com armações.



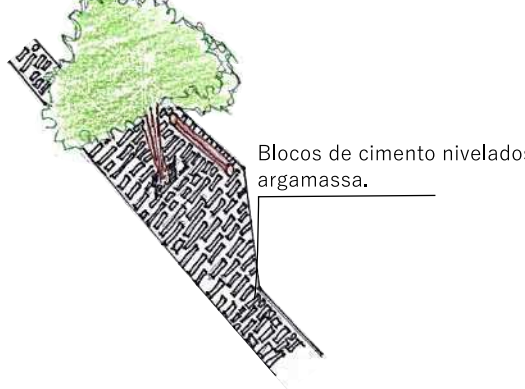
Piso Solo-cimento.
Aparência de terra batida, que remete aos inúmeros trilheiros encontrados no terreno original.

O USO DE PEDRAS DENTRO DO PARQUE:

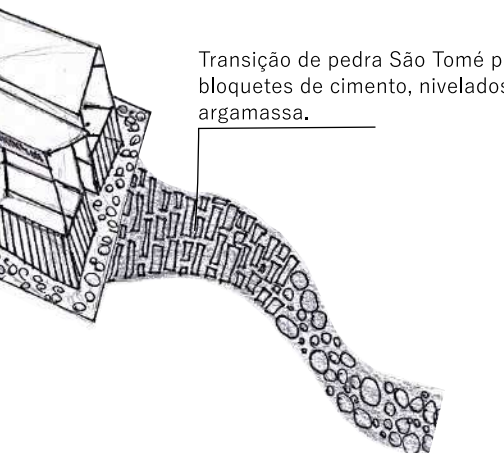
No interior de todo o perímetro do projeto, há diversos tipos de pisos. Esses variam em formato, inclinação (ainda que mínima) e materialidade. Um material recorrente na proposta é o uso de pedras e pedregulhos, em seus diversos formatos. Como uma alternativa para preservar parte dos elementos naturais encontrados na região e dar ênfase as várias possibilidades de uso deles, em vários pontos da proposta são usados alguns modelos de pedras.



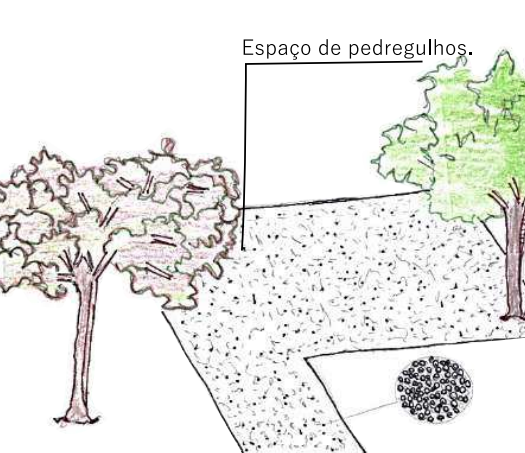
Pedras São Tomé enterradas na solo, envoltas em grama.



Blocos de cimento nivelados com argamassa.



Transição de pedra São Tomé para bloquetes de cimento, nivelados por argamassa.



Espaço de pedregulhos.

Algumas árvores de porte grande:

- Pau-Marfim
- Sucupira Preta
- Faveiro do Cerrado
- Pau-Santo
- Vinhático
- Sucupira Branca.

Algumas árvores de porte médio:

- Maria Pobre
- Mutamba
- Açaita-Cavalo
- Canzileiro
- Tingui

Algumas árvores de porte pequeno:

- Pequizeiro
- Angico
- Balsamo
- Baru
- Dedaleira

